

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Curso de Licenciatura em História**

Michel dos Santos Silva

**Os Intelectuais e o Governo Vargas - As Correspondências Trocadas
entre “Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade”.**

**Nova Iguaçu
2013**

Michel dos Santos Silva

**Os Intelectuais e o Governo Vargas - As Correspondências Trocadas
entre “Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade”.**

**Monografia apresentada ao Curso de
História como requisito parcial para a
obtenção do Título de Licenciado em
História, do Instituto Multidisciplinar da
Universidade Federal Rural do Rio De
Janeiro.**

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Barros

**Nova Iguaçu
2013**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Assunção Barros (Orientador)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/ IM)

Prof.^a Dr.^a Graciela Bonassa Garcia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/ IM)

Prof. Dr. Rafael Miranda Alonso
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/ IM)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, que me ajudaram muito e deram-me bastante apoio em minha caminhada universitária, através de conselhos e orações, para que eu nunca desistisse do caminho o qual havia escolhido: o curso de Licenciatura em História. Confesso ter sido um pouco teimoso em dar ouvidos aos conselhos dessas pessoas maravilhosas que Deus colocou em minha vida... O tempo me fez entender quão sábios seriam esses conselhos, a fim de vencer essa luta que era a graduação, a qual, com muito esforço e determinação, pude terminar com grande louvor.

À minha irmã, que ajudou muito no início do curso, pois eu trabalhava e não dispunha de muito tempo útil para estudar. Ela me aconselhou na elaboração de diversos trabalhos e revisava a sua maioria. O mais hilário disso tudo – diga-se de passagem – é o fato de minha irmã ser mais nova que eu.

Ao amigo e professor José Assunção, meu orientador, que acreditou em meu potencial. Ele não somente revisava meu trabalho acadêmico, como emitia importantes opiniões em sua estruturação. Não obstante todas as minhas dificuldades, ele nunca deixou de acreditar em mim, sendo sempre gentil em suas ponderações a respeito desta monografia.

Aos amigos de graduação, reservo um lugar especial, visto que me ajudaram e me incentivaram em momentos distintos da vida universitária. Por essas pessoas, sempre haverá uma enorme gratidão e carinho de minha parte. Entre elas, estão: Claudielle Pavão, Juliana Drummond, Felipe XIV, Amanda Dutra e Felipe Lopes.

Por fim, quero agradecer a Deus por ter me proporcionado todos esses momentos felizes de minha vida, ao lado de meus familiares e amigos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a presença dos intelectuais dentro do governo Vargas, precisamente no período do Estado Novo (1937-1945), através das missivas trocadas entre os poetas Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, presentes na estrutura política montada pelo regime. E a partir desses atores sociais, pretende-se evidenciar toda a dinâmica das redes de sociabilidade que os levaram ao encontro do mundo político, acessando a cargos públicos e exercendo grande influência nas decisões políticas por meio de ações no campo cultural e educacional.

Sendo assim, realizando profunda análise nas correspondências trocadas entre os poetas, espera-se contribuir de sobremaneira para explicar e desmistificar a presença dos intelectuais em acontecimentos políticos importantes que antecederam o regime autoritário de Vargas. Introduzindo a temática dos intelectuais e de seus interesses próprios e particulares, tal análise visa a, também, compor o arcabouço do regime.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I: Natureza e conceitos científicos sobre os intelectuais.....	10
<i>A gestão política e cultural do Estado Novo</i>	17
<i>O uso Historiográfico das Cartas</i>	33
Capítulo II: Mário de Andrade e as Missivas.....	40
Mário de Andrade e o Governo Vargas	47
Capítulo III: O esteticismo Político de Drummond.....	52
Drummond e as correspondências.....	57
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	65

1. INTRODUÇÃO

A princípio, esta pesquisa trata a respeito da presença e influência dos intelectuais Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade no regime autoritário de 1937-45. Este trabalho tem como ponto de partida conceituar os intelectuais em termos científicos e explicar o papel de tais agentes sociais na sociedade moderna. Busca-se mostrar as capacidades desses personagens e seus grupos, que exerceram uma forte autoridade intelectual na edificação de projetos referentes à construção de uma nacionalidade e de empreendimentos na área cultural¹.

Quanto à aplicação de suas ideias e métodos na realidade, a qual mantém uma relação mútua com a sociedade, procura-se discutir sobre os principais debates historiográficos que se propõem a relacionar intelectuais ligados à sociedade e ao Estado. Dessa maneira, introduzir-se-ão novos aspectos relativos à cooptação dos intelectuais e de seus interesses dos próprios em fazer parte do governo.

Nessa perspectiva, apresentam-se bastantes ideias relativas aos intelectuais e sua inserção no Estado. Entretanto, visa-se a trabalhar com teóricos e cientistas políticos que contribuíram de maneira perspicaz nesse assunto. Então, fez-se a opção pela que melhor se enquadra ao momento histórico vivenciado no Brasil durante o regime de Vargas.

Iniciam-se as exposições sobre os intelectuais no cenário político-social do país, analisando abordagens importantes que são referências neste tipo de pesquisa. Gramsci, por exemplo, produz um discurso sobre hierarquização e função dos intelectuais na sociedade². Acrescenta, também, uma ideia de que os intelectuais são classificados de acordo com suas atribuições inerentes às suas áreas de atuação na sociedade. Esse pensamento é compartilhado quando ele os classifica em orgânicos e tradicionais, com o objetivo de repensar seus afazeres perante a sociedade³.

Já na perspectiva de Foucault, observa-se uma visão mais elitizada a respeito da função dos intelectuais na sociedade. Eles se intitulam como porta-vozes de setores discriminados da sociedade, pois o tipo de organização política e social impede esta parcela da sociedade de expressar sua opinião na estrutura política e na administração

¹ VELLOSO, Monica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília. (Org.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro, v. 2, p.147, Civilização Brasileira, 2003.

² *Ibidem*, 149.

³ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. In: contribuições para uma História dos intelectuais. (Trad.). Carlos N. Coutinho. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 13.

pública, marginalizando, desta forma, os proletariados e as massas de alcançar uma ascensão social e política mais efetiva⁴.

Ao contrário dos teóricos supracitados, Bobbio faz uma conceituação dos intelectuais mais adequada à realidade brasileira. Ele mostra as transformações sofridas por esses personagens em seu ofício, evidenciando sua autonomia perante a autoridade do Estado e jogo político em busca de poder. A partir desses pensamentos relativos aos intelectuais, pretende-se discutir a sua presença na administração pública. Sendo assim, o foco é o debate historiográfico do período do Estado Novo⁵, principalmente as vertentes político-culturais do regime autoritário. Tal situação tem com objetivo mapear a área de atuação dos intelectuais no âmbito político-ideológico. Isso elucidará as principais funções desses agentes sociais na execução de uma política pedagógica do governo.

É neste contexto que Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade são figuras centrais desta pesquisa, que mostra a articulação entre intelectuais e políticos dentro do governo. Estes são figuras ilustres que atuaram de maneira legítima no regime de Vargas. Dentro do Ministério da Saúde e Educação, sob comando de Gustavo Capanema, eles propuseram algumas ideias e construíram iniciativas culturais e de preservação do patrimônio histórico brasileiro. Todas as ações realizadas neste período entre esses dois grupos heterogêneos objetivavam a uma maior integração do país.⁶

Todos os diálogos entre políticos e intelectuais, conservados e expostos, são apresentados nesta pesquisa através de uma nova perspectiva: a utilização de missivas. O estudo visa a explicar as articulações políticas, a rede de relacionamento, a divulgação e publicação de obras, além de conchavos para obtenção de empregos⁷. Isso se deu pelo fato de que esse objeto de pesquisa trouxe interpretações elucidativas, a fim de explicar as conjunturas políticas nas quais os intelectuais estão envolvidos, expondo todas as conversas inquietantes no momento de sua atuação política. Sendo assim, os argumentos citados nos objetos de análise ajudarão a mostrar a presença dos intelectuais na política nacional.

⁴ FOUCAULT, M e DELEUZE, Gilles. *Microfísica do poder*. In: Os intelectuais e o poder. Trad. Roberto Machado. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979. P. 71.

⁵ BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. “dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea” In: Intelectuais e poder. Trad. Marco A. Nogueira. 2.ª ed. São Paulo: Editora UNESP. P. 72.

⁶ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. P. 8.

⁷ MALATIAN, Teresa. *“Cartas” - Narrador, registro e arquivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). São Paulo. Ed. Contexto, 2012. P. 213.

A partir desta análise, examinar-se-á o diálogo entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade por meio das missivas⁸, de maneira a contribuir de forma excelente para os estudos desse objeto. Tal contribuição pretende exemplificar a convivência e rotina dos intelectuais com políticos de diferentes concepções ideológicas num mesmo espaço.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do Amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: 2ªed. Editora Record, 1988. P. 9.

Natureza e conceitos científicos sobre os intelectuais

Parte-se do ponto de vista de que os intelectuais são analisados e pensados em uma sociedade na qual são julgados como detentores de um pensamento crítico, construtivo e reformulado. Com base nesta lógica, consideram-se diversas formulações científicas a respeito desse grupo social existente na sociedade. Este se diferencia dos demais grupos, não somente por não exercer uma atividade manual, mas também por sua atividade ser ligada ao seu intelecto e à sua inteligência. Os intelectuais têm sua atividade relacionada à construção de novas formas de pensamento, as quais subsidiarão a edificação de novas sociedades e regimes políticos, que, por sua vez, serão influenciados por novas concepções políticas integradas a cidadãos mais aptos a entender a realidade em que vivem, estabelecendo, assim, uma nova ideia de nacionalidade dentro de alguns países e ajudando a definir uma estrutura política mais organizada. Sob essa perspectiva, os intelectuais exercerão suas influências na sociedade em diferentes campos de ação. Dentre os campos mais importantes, a que sua atividade estará vinculada de modo particular, encontram-se as esferas política, cultural e social.

A partir da análise exposta, irá se discernir, de maneira bem mais minuciosa, as formulações sobre os conceitos atribuídos aos intelectuais e às suas principais funções e atividades na sociedade. Entretanto, tais definições não estão apenas restritas ao campo da historiografia. Estas relacionam-se, também, com outras ciências humanas, tais como Filosofia, Literatura, Sociologia e Letras. Essa participação de outras ciências humanas contribuirá, de maneira bem satisfatória, para enriquecer o debate historiográfico a respeito dos intelectuais, rastreando sua trajetória e sua inserção em atividades políticas e culturais em uma determinada sociedade.

No decorrer deste trabalho, de maneira bem mais aprofundada, serão estudados os principais teóricos que formularam um conjunto de importantes conceitos relativos a intelectuais e à forma através da qual estes agem na sociedade. No entanto, após expor as teorias desses autores – os quais interpretam de modo particular o conceito sobre a atividade do intelectual – optar-se-á pelo pensamento que melhor se ajustar à realidade brasileira em questão. Este pensamento se refere ao processo de cooptação dos

intelectuais durante o Estado Novo (1937-45) e sua influência na estruturação deste regime, visto as suas atribuições específicas e particulares.

Dentre os principais autores que discutem a respeito do papel dos intelectuais na sociedade contemporânea, está Antonio Gramsci⁹, um grande expoente do debate sobre essa categoria social. Tal teórico consegue engrandecer esse discurso de forma bem satisfatória no que concerne à contribuição dos intelectuais junto à sociedade, explicando sua hierarquização de acordo com suas participações na estruturação de uma nova sociedade.

No momento em que escreve sua obra, Gramsci está situado na Itália, no início do século XX, vivendo justamente o período entre guerras neste país. O fascismo está se afirmando como um regime hegemônico e está exercendo inúmeras influências políticas, culturais e sociais na sociedade. Tal regime tinha como base de pensamento a teoria marxista, que foi sua fonte inspiradora para analisar, de maneira correta, o conceito dos intelectuais no seu tempo, apesar de ter uma consciência bem ampla a respeito de outras ciências humanas que contribuíram para os conceituar.

Quanto à maneira que esse grupo social é visto e pensado na sociedade, Gramsci trabalha de forma bem peculiar, devido ao fato de possuírem características bastante heterogêneas. Não basta apenas generalizar sua presença e participação na formulação de um novo regime; há de especificar suas particularidades e seus interesses. Isso porque estes fazem parte da edificação de uma sociedade civil e política, com o intuito de construir um Estado, cujo funcionamento político servirá de base ideológica e filosófica para o sistema capitalista vigente no período em que sua obra é produzida.

Na visão gramsciana sobre o Estado, a perspectiva em relação à sociedade política e civil está ligada, de forma integral, à ordem política vigente na sociedade. Isso se deve à necessidade de ambas serem refletidas e compostas de maneira igualitária na sociedade, para que o Estado permita que as classes possam interagir com as tomadas decisões governamentais, em relação ao poder político do qual são investidas.

No que concerne a esse pensamento, tendo um vínculo com o Estado e explicando a importância da sociedade civil e política na sua edificação e ampliação,

⁹ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. In: contribuições para uma História dos intelectuais. (Trad.). Carlos N. Coutinho. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 3.

Gramsci também discorre sobre as classes presentes neste período. É a partir daí que sua investigação a respeito dos intelectuais começa ganhar forma e corpo, no momento em que eles têm condição de enxergar o que acontece com essas classes sociais, através das quais estão localizados os cidadãos que podem exercer uma atividade intelectual de forma diferente ou inconsciente. Essa concepção, defendida por Gramsci, tem, também, relação com sua formação filosófica. Ele rediscute e critica a ideia de que somente os cientistas e indivíduos capacitados possam trabalhar como intelectuais.

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1978, p. 7 e 8).

Quando começa a pensar a respeito da função dos intelectuais e discute a forma através da qual estes são constituídos, em virtude de sua categoria ou grupo social, Gramsci os visualiza através de uma hierarquização, classificando-os de uma maneira por meio da qual suas principais atribuições são apresentadas. Esses pensamentos expõem a função do intelectual e organizam melhor a sociedade em torno dos intelectuais. Essa divisão é uma forma original, a qual caracterizará esse grupo heterogêneo, entretanto, independente e com uma grande liberdade de se posicionar ante assuntos políticos, sociais e culturais. Quando Gramsci relata a situação desse grupo social perante a sociedade, busca uma maneira de explicitar essa categoria, de forma que as virtudes e as qualidades de seus integrantes sejam colocadas à prova no processo de construção da sociedade, diferenciando-os pela sua função exercida nos meios econômicos de produção das sociedades e no seu campo cultural de produção.

Essa classificação dos intelectuais desdobra-se em “intelectual orgânico” e “intelectual tradicional” Trata-se de uma classificação cujo princípio justifica a metamorfose que a sociedade está sofrendo, devido à movimentação de determinadas classes sociais e à implementação do sistema capitalista em seu modo de produção econômico. No ponto de vista ideológico e filosófico, essa conceituação dos intelectuais

assume grande importância, pois cada grupo social apresentará as modificações que ocorrerão nesta sociedade¹⁰.

O intelectual orgânico é aquele que exerce sua atividade voltada aos meios de produção, organizando este novo grupo social a partir das ideias políticas e econômicas; esse novo estrato social é responsável por redirecionar a sociedade em termos culturais, políticos e jurídicos. De certa forma, esse pensamento legitima uma hegemonia que está sendo concretizada graças a seus valores e mudanças ocorridas em seu meio social. De acordo com Gramsci, o mérito dos intelectuais orgânicos está em sua especialização, em meio ao surgimento de uma nova estrutura econômica, e sua aplicação na sociedade com auxílio das demais classes sociais, incluindo a burguesia – que teve participação importante neste processo. A ideologia dessa categoria ajudou a controlar, organizar e programar as ideias de estrutura econômica desses intelectuais.

Conforme Gramsci descreve em seus escritos, a outra categoria – ou grupo social – que rivaliza com os orgânicos são os tradicionais, pois são eles que exercem uma função de executar as tarefas, na sociedade, em âmbito literário, filosófico e artístico. Partindo de uma estrutura econômica a qual ainda não havia sido transformada, essa linha contínua de base histórica reafirma sua capacidade social e política de se auto organizar, mostrando um poder mais hegemônico e representativo, apesar de não mais obter um domínio ideológico em determinados campos político, administrativo e de produção cultural.

Esse termo “intelectual tradicional” é observado de maneira bem particular por ser conhecido como uma categoria detentora do poder ou um consenso de uma ideologia dominante, com o respaldo do governo ante um Estado forte. Nesta sociedade de classes sociais distintas, em que todos os homens exercem a função de intelectuais, são poucos os que têm o êxito de se ocupar, de forma integral, dessa profissão.

Após a distinção dos intelectuais enquanto categoria, termo e conceito, Gramsci acrescenta um pensamento muito importante no discurso das ciências humanas, introduzindo ao debate historiográfico uma nova maneira de pensar a respeito deles. Ao se descrever sobre o que são e o que representam os intelectuais na visão de Gramsci,

¹⁰ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. In: contribuições para uma História dos intelectuais. (Trad.). Carlos N. Coutinho. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 5.

parte-se para mais uma análise que dará maior ênfase a esse grupo social, cuja representação passa a ganhar mais um fator a ser considerado pela historiografia.

Em “Microfísica do poder”, Michel Foucault¹¹ apresenta uma nova temática em referência aos intelectuais e à sua ação perante a sociedade, dando conta de que eles estudam e investigam desde os movimentos reivindicatórios e revolucionários ou reformadores na luta contra o poder vigente na França do século XIX. Ao discutir a respeito da sua perspectiva em relação aos intelectuais, Foucault descreve a origem burguesa deles. Nesta conjuntura, tomariam para si a função de porta-vozes da verdade mediante a apresentação política que está no poder, criando, assim, uma espécie de consciência, para que os cidadãos passem a conhecer melhor o jogo político e as leis jurídicas, as quais são expostas para organização de uma sociedade sem grandes desigualdades sociais e políticas.

Quando entra em questão a relação entre os intelectuais, as massas e proletariado, Foucault argumenta a respeito da influência que os intelectuais exercem nas interferências de decisões políticas referentes às massas, em determinados momentos, quando ocorre a luta contra o poder vigente no intuito de obter uma maior visibilidade e representação na organização política. Só que eles percebem que as massas têm plena consciência de suas atitudes e ações políticas em favor de sua representação e reivindicação. Porém, o sistema político desta sociedade invalida todas as decisões das massas na sua participação do poder político vigente. Vale dizer, também, que estas necessitam dos intelectuais para recolocá-las nas lutas políticas, ganhando, assim, maior projeção em movimentos reivindicatórios.

Ora, o que intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, inválida esse discurso e saber.[...] os próprios intelectuais fazem parte deste sistema; a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema.[...] (FOUCAULT, 1979, p.71).

Nesse contexto, Foucault explica a relação entre a teoria e práxis, a fim de melhor introduzir o conceito da representação das pessoas que lutam para obter o poder através de reformas/reivindicações. A construção desta teoria acontece diante da luta contra o

¹¹ FOUCAULT, M e DELEUZE, Gilles. *Microfísica do poder*. In: Os intelectuais e o poder. Trad. Roberto Machado. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979. P. 70.

poder das massas, que são marginalizadas do poder político por um grupo monopolizador de ideias e pensamentos. Conforme sustenta em sua perspectiva sobre os intelectuais, Foucault introduz um pensamento ideológico através do qual apoia a ideia de lutar em defesa dos grupos reivindicatórios, com a finalidade de apresentar novas propostas para construir um regime com novo viés e formulação política.

É interessante notar que, após identificar alguns conceitos primordiais nos quais estabelece um vínculo entre o intelectual e as forças políticas, sociais e culturais existentes na sociedade, o filósofo Norberto Bobbio¹² evidencia uma nova distinção de conceito e uma reformulação desta estrutura de mobilização que ocorre com os intelectuais. Eles buscam relativamente um convívio maior entre os membros desta sociedade e grupo social em prol do desenvolvimento desses agentes sociais, visando a uma autonomia política e cultural entre representantes do governo.

Ao contrário de Gramsci, Bobbio concebe a função dos intelectuais de maneira distinta, referente a seu ofício e modo de atuação sobre as ideias que giram ao seu redor. Seu objetivo é apontar e distinguir o grupo social ao qual se refere, utilizando-se suas ferramentas de ideias e pensamentos para a transformação da sociedade, e funcionando como parceria entre as classes sociais e o poder político governante. Bobbio delimita seu campo de investigação e hipótese acerca de um discurso histórico-sociológico, com objetivo de determinar o que fariam os intelectuais na esfera da política e o que deveriam fazer no âmbito cultural e social.

Bobbio os observa de forma particular e quanto à maneira de interagir e se inserir na sociedade, em ambas as classes sociais, através de uma determinada ação política e cultural. Ele distingue os intelectuais dentro de uma sociedade devidos seu ofício e trabalho intelectual. Quando os conceitua, em vez de se ater às considerações sobre o campo de atuação deles, Bobbio leva em conta o seu engajamento político e cultural e a tarefa que exercem na sociedade. Em sua perspectiva de análise, cria uma definição bem detalhada para expor a temática dos intelectuais na sociedade política e civil, argumentando, de forma bem objetiva, a respeito de sua aplicação na constituição do poder e de sua influência na estratificação social. Com isso, classificando-os em “ideólogos” e “expertos”, Bobbio difere bastante das formulações de Gramsci quanto

¹² BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. “dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea” In: *Intelectuais e poder*. Trad. Marco A. Nogueira. 2.ª ed. São Paulo: Editora UNESP.

aos ‘orgânicos’ e ‘tradicionais’, apesar de estarem ligadas genericamente por suas classificações. O primeiro: são aqueles que participam do consenso, o qual está ligado ao conhecimento do Estado, tendo um papel de percussores da verdade. O segundo: são aqueles que dão ideias e pensamentos para governabilidade de ambos os governos: tanto para própria nação ou quanto para nação a inimiga. A intervenção do Estado na sociedade sempre teve influência dos intelectuais, a fim de legitimar as ações estatais em questões de reforma e mudanças.

O critério de distinção que proponho, e sobre o qual correrá o fio do meu discurso, é o único critério que considero válido em um debate que tenha como objeto a tarefa política do intelectual. De fato, aquilo que distingue um do outro é precisamente a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes, é diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político. (BOBBIO, 1984, p.72).

Essas formulações servem para justificar a ação dos intelectuais com o seu tempo, podendo empregá-las com outras realidades quando estudada sua participação na vida cultural e política. Um meio de mostrar para o público suas ideias ocorrerá através de manifesto, através do qual se explica toda a ética e responsabilidade em edificar uma sociedade mais equilibrada e sensata com a política. No âmbito cultural, segundo Bobbio, o pensamento dos intelectuais funciona com certa autonomia em relação à política, independentemente das ações tomadas e realizadas pelos agentes responsáveis pelo poder político. Isso porque uma das funções dos intelectuais é impedir que suas ideias sejam monopolizadas em benefício do Estado enquanto detentor da verdade. Isso ajuda a explicar a diferença entre trabalho intelectual e político.

A partir dessas formulações, Bobbio aumenta os adjetivos dos intelectuais presentes no governo. Neste momento de atuação, seu dever ideológico é definido pela função de possuir consciência própria, dando fomento e razão à justificativa de estar ao lado do poder do Estado. Tendo como perspectiva um pensamento sociológico, que o ajuda a compreender o engajamento político e social dos intelectuais, Bobbio entende que os princípios dos intelectuais estão associados à verdade, quando eles dedicam suas atividades em prol do Estado e conseguem obter um excelente resultado na arte e na política.

Após expor os principais debates, os quais introduzem a ideia da participação dos intelectuais na constituição do poder, através dos governos que se interessam em sua presença, visto que estão cada vez mais próximos da máquina política e cada vez mais influentes na cultura, a concepção de Bobbio é a que mais se adéqua à realidade brasileira neste momento. Tal situação ocorre tendo em vista que, para a construção de seu regime, o Estado Novo busca forças políticas, sociais e culturais através dos intelectuais, a fim de obter êxito na construção de uma ideologia forte para legitimar o regime e edificar uma nação, de acordo com o projeto de identidade nacional.

A gestão política e cultural no período do Estado Novo

Após a dissertação sobre os principais conceitos a respeito dos intelectuais, podem-se analisar suas formulações e ideias na sociedade civil e política, demonstrando as aplicações que defenderam para a construção de uma sociedade democrática que visava à maior participação dos cidadãos nos acontecimentos do país. Interessante é realizar uma pequena contextualização do período Vargas, no que toca ao debate sobre o projeto político do Estado Novo, uma vez que haverá razões a favor e contra a implementação desse projeto, o que enfatiza, de forma mais eminente, a importância da cultura e política na estruturação do regime.

No entanto, antes de se tratar a respeito do tema, é necessário se fazer uma prévia quanto à qualidade dos debates historiográficos que abordam a temática cultural e política do Estado Novo, de modo a permitir uma visualização da ideologia e de seus idealizadores. É importante abordar a maneira como foi conduzido o processo de cooptação dos intelectuais ao regime estado-novista e os mecanismos de propaganda e divulgação utilizados. Este regime estaria disposto a pôr em prática um novo modelo de democracia, através do qual se pudesse atender a todos os anseios da população, até então esquecidos pelo modelo político implementado pelo governo da primeira República.

Durante a construção ideológica e política do Estado Novo, já havia uma participação implícita dos intelectuais nesse audacioso projeto governamental. Buscava-

se conferir um novo rumo político ao Brasil, tendo como foco principal a utilização da cultura enquanto elemento-base e unificador do processo de transformação do Estado brasileiro. Vale dizer que existem os intelectuais que integram a administração pública e trabalham nas formas direta e indireta. Aqueles que ocupam diretamente esse serviço são classificados como “ideólogos”. Também possuem importância aqueles que empregam esforços indiretamente; porém, estes serão abordados mais adiante.

Entre os principais e mais importantes ideólogos do Estado Novo que exerceram uma forte influência na estruturação do regime, com maior destaque na vida política do país, estão Francisco Campos, Almir de Andrade, Azevedo de Amaral e Lourival Fontes. Cada um formulou suas ideias e interpretações sobre o funcionamento do governo estado-novista. Entretanto, todos partem de um conceito comum: explicar a centralização e o controle, a partir de suas bases ideológicas.

Esta multiplicidade de intérpretes e interpretações fundamenta a visão de que, efetivamente, o Estado Novo não produziu uma doutrina oficial única. Seus postulados não se pautaram em cânones doutrinários rígidos e comportaram sempre enfoques distintos dentro do que se pode chamar matriz autoritária comum. (OLIVEIRA, Lúcia L., 1982, p.32).

Segundo Lúcia Lippi Oliveira, as elites brasileiras responsabilizaram-se por uma nova estruturação da política e cultura brasileira, buscando edificar, nas raízes do Brasil, uma ideologia que fosse capaz de interpretar, da melhor maneira, a articulação entre políticos e intelectuais. Em sua linha de pensamento, a autora discute vários aspectos determinantes que servirão de base científica e ideológica para explicar a reciprocidade entre políticos na arregimentação do governo estado-novista. É evidente que todos os argumentos utilizados nesse projeto político propunham uma simbiose entre “os homens de ação e de pensamento”¹³.

De acordo com Almir de Andrade, a junção de alguns conceitos científicos será de suma importância quanto à sua aplicação em um novo formato que vem assumindo o Estado brasileiro. Entre esses conceitos estão o Historicismo, o Evolucionismo e o Darwinismo Social. Através das formulações apresentadas, ocorreu a fundamentação principal desse regime: a edificação de um conceito sobre a cultura, no qual subsidiará a

¹³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo Ideologia e Poder*. In: O pensamento de Almir de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982. P. 32.

política e a nova democracia brasileira. Este processo de mudança social no país advém dos conceitos de ‘civilização’ e ‘cultura’, fundamentados em meios políticos; a primeira estaria preocupada com os caminhos específicos do povo; a segunda, com os domínios dos pensamentos racionais sobre os irracionais.

Nacionalismo, pensamento político, Estado e democracia são perspectivas em que esse ideólogo se debruça para fazer uma análise científica, na tentativa de enumerar os principais argumentos elucidativos sobre o regime estado-novista, que, por sua vez, buscava legitimar o governo e criar uma denominação política e ideológica. Cada fundamento político apresentado tem como objetivo fortalecer ainda mais a nação – então em construção – e suas características apresentadas. O primeiro tem como dever a defesa de uma cultura própria e forte, para que não sofra influências externas de outras culturas; o segundo cria um modelo interpretativo das principais vertentes de ações e decisões políticas culturais; o terceiro integra, de maneira bem particular, o homem aos conceitos de cultura e civilização, realizando princípios gerais do bem-estar social; a última propõe um valor coletivo através dos valores culturais e doutrinários do governo, integrando tanto as teorias inovadoras da democracia, quanto aquelas que foram renovadas.

Sintetizando, podemos dizer que, em Almir de Andrade, a democracia é um princípio e uma meta; sua garantia é a lei, sua condição é o livre desenvolvimento da pessoa através do trabalho. É difícil se chegar a uma compreensão mais abrangente sobre este aspecto do autor. [...] O público, todavia, não se justifica por critérios relativos à vontade e ao interesse dos homens, por sua relação com a cultura, com o movimento relativo da vida social. O Estado, por guardar uma relação intrínseca com a cultura [...] É o Estado a entidade “positivamente” livre – é detentor da capacidade de autodireção. Ao indivíduo, cabe uma parcela da liberdade positiva, aquela que “faz” aceitar a direção do Estado como uma escolha natural, racional. (OLIVEIRA, Lúcia L., 1982, p. 40).

Tal estratégia utilizada por Almir foi um dos importantes alicerces na política pedagógica do Estado Novo, que vinha sendo construída em prol de uma reforma político-cultural para estruturação da nação. Neste processo de organização política em âmbito federal, Azevedo Amaral obteve participação bastante importante no projeto político do governo. Ele foi o responsável por interpretar o regime em seu início e analisar tanto a doutrina implementada, quanto os idealizadores desse empreendimento

tão sofisticado. Em suas reflexões, compartilha de concepções filosóficas, tais como o Evolucionismo e o Voluntarismo, no intuito de explicar a realidade brasileira deste momento e a utilização de um Estado autoritário junto à sociedade.

Diferentemente de Almir de Andrade, que trabalha com a questão cultural, política e social, Azevedo de Amaral foca a governabilidade do governo estado-novista e a importância dos agentes sociais que disseminaram a ideologia do regime. Na figura ilustre dos intelectuais, este tinha um agente social importante quanto à interpretação ideológica e à propagação das ideias do regime junto ao povo. A política de divulgação e propaganda estado-novista será discutida mais à frente neste trabalho, precisamente no tópico relativo ao DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda, que teve seu mérito na nova ordem política. Seguindo na perspectiva dos intelectuais, observa-se, na obra de Azevedo Amaral, um processo de divisão e hierarquização, de acordo com área de atuação e especialização deles, já que suas virtudes e conceitos servirão de base filosófica para se estabelecer o formato do regime autoritário.

As concepções políticas trabalhadas por esses ideólogos objetivam a uma comparação e uma dicotomia da sociedade a partir de conceitos biológicos da época, pois ganhavam uma grande notoriedade no campo acadêmico. Para melhor elucidar a revolução e o surgimento do Estado autoritário de 1937, características importantes influenciaram na edificação da nacionalidade com ênfase na cultura e na política. A implementação de um Estado forte que ditasse as regras à sociedade não era uma exclusividade brasileira. Uma série de governos autoritários e totalitários varriam praticamente toda Europa após a Primeira Guerra Mundial. Destaca-se que o autor faz algumas ressalvas e explica as diferenças entre esses governos e o do Brasil.

Segundo Hannah Arendt¹⁴, o papel da revolução tem um conceito de renovação de um corpo político que será exercido na sociedade, proporcionando ideias ligadas à liberdade dos cidadãos. O Estado autoritário aplicado aqui no Brasil difere do totalitário que ocorre nos países da Europa ocidental e da oriental, por possuir argumentos e objetivos distintos quanto à sua aplicação nestas sociedades. O primeiro procura conferir uma unidade para a nação em construção, atribuindo-lhe valores políticos e culturais. Por meio disso, através de movimentos cívicos, os cidadãos passam a exercer

¹⁴ Filósofa importante na área da teoria política na qual discutia assuntos relacionados a revoluções, partidos totalitários e conceito racial. Veja, a respeito, ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. In: Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

e manifestar as qualificações necessárias, tendo em vista uma reciprocidade entre valores individualistas e interesses sociais; o segundo dá conta de que o governo tem a figura de um líder como sendo o único capaz de organizar a sociedade e a consciência coletiva das pessoas que vivem neste Estado, suprimindo os direitos, a liberdade e a democracia, tornando as massas meras marionetes de um regime que se utiliza da violência e do terror para se legitimar perante a sociedade.

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. Essa exigência é feita pelos líderes dos movimentos totalitários, mesmo antes de tomarem o poder, e decorre da alegação, já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá, no devido tempo, toda raça humana. (ARENDDT, 2012, p. 453 e 454).

Persistindo em sua análise, Azevedo Amaral demonstra a função dos intelectuais junto ao governo, evidenciando uma visão paralela que une a transmissão das ideias à população e as diretrizes do regime. Nessa lógica política, o autor também trabalha com outros conceitos primordiais: autoridade e democracia. A harmonia entre estes conceitos criará uma simbiose entre o individualismo e o pensamento coletivo da população, com o qual o regime brasileiro comporta-se, ao atribuir ao Estado o poder de valorização e representatividade política do povo brasileiro.

Em sua visão sobre a História do Brasil, mostrará todo o desenvolvimento político nas principais transformações ocorridas no Brasil, desde o século XIX até a revolução de 30, e, conseqüentemente, a instauração do Estado Novo. Além de seus pensamentos sobre o princípio político e cultural que o regime estado-novista tomou como direção, o autor exalta a figura do presidente Getúlio Vargas que, através de etapas políticas perpassadas desde a Revolução de 30, obteve êxito em sua estratégia na constituição do novo regime. Esta experiência política é classificada por alguns historiadores como uma democracia liberal idealizada por Vargas, um grande estadista. Porém não foi esse o fato que o tornou um gênio político e, sim, a forma inteligentíssima através da qual conduziu o povo: uma maneira esplendida de assumir um papel social mister nesse projeto político. Vargas acabou por mostrar a importância social, política e cultural compreendida pelo Estado em favor do desenvolvimento e progresso do país.

Depois de se exporem os principais pressupostos analisados por Azevedo Amaral, pode-se comentar sobre uns dos mais importantes ideólogos do Estado Novo: Francisco Campos. Além de seu sucesso ao influenciar pedagogicamente a edificação do regime autoritário instaurado em 1937, Campos teve uma grande participação na organicidade da educação do país, que buscava uma modernização para padrões mais aceitáveis em relação à cultura nacional. Sua capacidade intelectual já percebia que deveria acontecer uma reestruturação no ensino secundário, na idealização e execução do projeto político estado-novista. Sua contribuição não ficou restrita ao Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo; devido à sua formação jurista, esteve também à frente do Ministério da Justiça, quando foi responsável por arquitetar uma constituição para o país, de acordo com as particularidades ideológicas do governo.

Estas características específicas da máquina estatal estado-novista, sem dúvida nenhuma, legitimou o pensamento autoritário do regime, marcando, neste período, toda uma sistematização em prol da governabilidade do Estado. As principais reformas realizadas no âmbito político foram a inserção de doutrinas corporativistas para legalizar as representações políticas, organizar fortemente o poder central, com objetivo de manipular as ações políticas e culturais do Estado, e sobrepor o Poder Executivo aos demais poderes, o Judiciário e o Legislativo.

Escrita por Francisco Campos e assinada por Vargas e demais políticos que participaram ativamente da administração do Estado Novo, a nova Constituição de 1937 teria o efeito de fixar todos os princípios da estruturação do governo, sob um novo viés do pensamento político brasileiro, que, por sua vez, seria regido pelo autoritarismo, com a justificativa de repelir todas as teorias políticas e grupos de esquerda que fossem contra o governo.

A vontade, responsabilidade, a decisão são atributos da pessoa humana. As abstrações, as coletividades, os parlamentos, os conselhos, as entidades incorpóreas ou ideais não são capazes de vontade, de decisão e de responsabilidade. Se a política é, por excelência, o domínio da vontade, da decisão e da responsabilidade, a primeira categoria da política, a categoria fundamental, há de ser pessoa – a pessoa que decide, o centro de vontade e de responsabilidade o chefe, o homem que a confiança pública aceita ou designa como encarnação do Estado. O povo representa o Estado sob a forma de pessoa humana. As ficções e os artifícios jurídicos, o espírito das combinações, próprios da índole especulativa, tanto no sentido político

quanto no sentido econômico do liberalismo, impediam que o povo identificasse o chefe. (CAMPOS, p. 307).

Em sua trajetória política e intelectual, observa-se que a justificativa de elaboração da Constituição teve como propósito principal a configuração de um pensamento político autoritário vinculado às mudanças no cenário nacional, efetivando-se, dessa maneira, práticas modernizantes no campo de educação e justiça.

Dentre os ideólogos responsáveis por mostrar as concepções políticas e os conceitos teóricos do novo regime, um deles contribui de sobremaneira neste arcabouço, ao trabalhar com os meios de comunicação e propaganda em favor das divulgações das ideias do Estado Novo. Lourival Fontes ficou responsável, estrategicamente, por um dos serviços mais importantes do projeto governista: a propaganda. Esta área foi notabilizada por uma grande presença e participação dos intelectuais do governo, em que se criou uma ideia de reciprocidade ou jogo de interesse na relação da convivência entre políticos e intelectuais. Um dos objetivos desse trabalho é dissertar sobre – o que ocorrerá mais adiante – sob que forma esse processo de cooptação ocorreu.

Numa clara tentativa de organizar a vida cultural do país, junto às novas formas políticas inseridas na sociedade, a constituição do DIP é tida como um dos importantes veículos para explicar as transformações e a direção política tomada pelo governo e para transmitir as interpretações de uma sociedade brasileira em formação. A elaboração do DIP ganha em importância devido ao aparecimento da propaganda em campanhas políticas da época como a formação dos estados totalitários europeus¹⁵, mais precisamente aqueles ocorridos na Alemanha e Itália, onde seu caráter teve um fator político primordial na conformação do regime.

Em razão disso, os meios de comunicação passariam por uma metamorfose tecnológica, política e ideológica, no intuito de atender bem as expectativas projetadas pelo governo, quanto à sua utilização, rapidez e a eficácia em elementos propagandísticos, numa nova ordem política do regime. Na figura de Lourival Fontes, houve uma boa sintetização de toda a transformação política e cultural que iniciou com a Revolução de 30 e desencadeou, alguns anos mais tarde, em um novo Estado nacional. Ele contribuiu de maneira excelente para a edificação dos órgãos e criação

¹⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. In: Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012. P. 436.

departamentos de propaganda neste período, de tal forma que exerceu uma forte influência sobre os meios de comunicação através do controle das notícias transmitidas ao público e dos meios de coerção para monopolização das doutrinas e dos assuntos referentes à estabilidade do governo.

Segundo José Inácio de Melo Souza¹⁶, desde a entrada de Lourival Fontes no DPDC, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, ocorreram algumas mudanças dentro deste órgão que, devido à transfiguração política tomada pelo país após o surgimento do Estado Novo, passou a ser chamado de DIP. Este órgão ficou responsável por regulamentar todos os canais de comunicação, os quais tivessem um vínculo com o aparato ideológico divulgado no regime estado-novista. A partir deste momento, todas as estratégias de propagar as doutrinas deste governo passaram pelo DIP, que também passou fiscalizar todas as ideias ditas a respeito do governo. Também houve inúmeras transformações que desencadearam um desenvolvimento tecnológico no processo dos meios de comunicação em proveito do regime. Isto se deve também ao aperfeiçoamento de técnicas de propaganda utilizadas em vários canais de comunicação, principalmente o rádio, que recebeu os maiores investimentos do governo estado-novista. Da mesma forma, a imprensa teve sua participação, divulgando as principais ideias e argumentos do governo, justificando essa metamorfose política e cultural.

Sob essa nova ordem, o DIP teve uma enorme influência nos mais importantes meios de comunicação do regime, por prestar um serviço extremamente eficiente aos interesses do regime autoritário. Estes meios de comunicação foram o rádio e imprensa, pois conseguiram atender grande parte da população, da classe média intelectualizada até a classe marginalizada e analfabeta. Quanto ao conteúdo transmitido e divulgado por esses meios, tiveram intenção de mostrar ao público as mudanças proporcionadas em âmbito político, econômico, cultural e social. Porém, o foco deste debate será a cultura e política. Mais à frente, será retomado o discurso sobre a qualidade e o mérito do DIP nas formulações, reservada a autoridade governista.

Neste contexto, os intelectuais exerceram uma forte influência nos pensamentos do Estado Novo, realizando uma verdadeira integração nacional ao incorporar fatores que homogeneizassem o país. Estas ideias eram compostas para uma unificação de

¹⁶ SOUZA, José de Inacio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annblume: Fapesp, 2003. P. 92.

comportamentos, costumes, línguas e religião. A partir deste momento, será evidenciado o processo de cooptação dos intelectuais no regime. Sob a ótica de encarar essa aparição política no cenário nacional, conceberão esse projeto como a missão pedagógica de contribuir para o Estado. Será criado um relacionamento entre a intelectualidade brasileira e os políticos que colaboraram com a revolução e outros acontecimentos políticos, que, mais adiante, desencadearam a execução do Estado Novo.

Segundo Mônica Pimenta Veloso¹⁷, o aparecimento dos intelectuais na vida pública, política e cultural do país não aconteceu apenas com a construção do projeto político ideológico estado-novista, mas sim na década de 20, através dos movimentos literários e culturais, os quais trabalhavam com a exaltação de uma nova imagem do povo brasileiro. Buscou-se, assim, nas raízes brasileiras, um novo conceito que possa sedimentar uma base científica e política que edifique uma nacionalidade, através de preceitos culturais. Neste momento, a literatura servirá de alicerce principal na sustentação e na aplicabilidade da teoria de arquitetar uma identidade nacional. Através do regionalismo, os principais intelectuais renomados envolvidos nessa causa tinham seus pensamentos presos nos ideais renovadores da política estado-novista. Neste caso, o conceito seria a estruturação da nação a partir de características culturais, através da qual houvesse uma relação mais igualitária entre a sociedade e indivíduos.

Para os ideólogos do Estado Novo, o romance da década de 30 representa a verdadeira literatura, porque é voltado para a construção da nacionalidade. Unindo os elementos inspirados na modernidade com aqueles herdados da tradição naturalista, o romance iria perder muito o ímpeto criativo modernista. Assim, da mesma forma que a literatura volta a ganhar sua aura – identificada com a função social – o poeta reassume seu papel de guia, encarregado também de cumprir sua missão salvacionista. Em uma palavra: promove-se a sacralização da arte. A partir daí, esta só é concebível quando atrelada a uma obrigação política. (Velloso, 1988, p.244).

Após a inserção política dos intelectuais no Estado brasileiro, percebe-se que não ficariam restritos à atuação cultural. Além de servirem como anunciadores das ideias e pensamentos do regime, também tiveram participação nos partidos políticos da época. Esta forte influência na organização cultural, social e política introduziu novos

¹⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Pimenta Mônica; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo Ideologia e Poder*. In: “*configuração do campo intelectual*”. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. P. 94.

elementos que constituíram um engajamento mais efetivo dos intelectuais na vida política do país.

De acordo com o sociólogo Daniel Pécaut¹⁸, o engajamento político dos intelectuais brasileiros tem como principal fundamento sua simbiose com políticos, a fim de legitimar as bases ideológicas, sob as quais se constituiu o governo. Os políticos ficariam responsáveis por uma doutrina integrante, na qual seja forjada a identidade brasileira. Os intelectuais se responsabilizariam por transformar e modificar estas ideias a favor do governo, além de interpretá-las de maneira que sejam entendidas por todas as pessoas da sociedade. Em sua perspectiva, os intelectuais também tiveram bastante interesse em fazer parte deste projeto, com o intuito de se promoverem profissionalmente e alcançarem uma posição de prestígio social diante da sociedade. Todo esse trabalho realizado funcionou como combustível para alavancar sua trajetória nesse período histórico.

Daniel Pécaut e Mônica Pimenta Velloso convergem sobre o mesmo assunto, no que tange à atuação dos intelectuais em diversas áreas do campo político e intelectual, em meio ao regime autoritário estado-novista. Após as influências exercidas pelos intelectuais, já citadas na edificação dos partidos políticos nas décadas de 20 e 30, sua participação na máquina estatal será bem mais significativa devido à contribuição de ideias e pensamentos a respeito da construção da ideologia introduzida pelo Estado, no desempenho de um papel social que atenda a todas as camadas, criando, assim, um espírito de coletividade nacional.

Outro ponto de convergência de conceitos encontra-se na participação dos intelectuais dentro de órgãos, departamentos e ministérios. Desta forma, desenvolvem, assim, uma nova literatura que justifica a presença dos intelectuais no governo. Essa é uma das razões do surgimento político do Estado Novo, evidenciando toda a metamorfose política que busca um fortalecimento na centralização do poder, e eliminando, dessa forma, outras doutrinas perniciosas ao regime.

A ordem política – enquanto recuperadora do “tônus social” – influencia o social, cujas aspirações traduz em leis; favorece o intelectual, quando permite o livre exercício da inteligência, e o artístico, ao estimular a livre

¹⁸ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. “entre povo e a nação” Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo. Ed. Ática. P. 57-58.

manifestação da sensibilidade. A nova concepção política, sustentada pelo discurso estado-novista, viabilizaria o ajuste das possibilidades sociais, intelectuais e artísticas do homem, permitindo-lhe agir, pensar e criar, dentro do espírito de colaboração com a “ordem nova”. Nesta perspectiva, em que predomina a força do princípio estatal, o discurso torna patente a necessidade de renovação das práticas liberais. Dentro deste quadro, inscrevem-se a defesa do corporativismo, a extinção dos partidos, o fortalecimento do executivo. (VELLOSO, 1982; p.88).

A partir desse momento, será analisada, de maneira bem minuciosa, a influência dos intelectuais dentro dos departamentos e ministérios do Estado Novo, demonstrando, assim, sua capacidade de formular, criar e divulgar um projeto, de acordo com os princípios políticos responsáveis pela legitimação da intervenção estatal realizada em 1937. Em um departamento, em especial, há uma ação efetiva dos intelectuais e políticos que comprova muito bem a reciprocidade entre esses homens na nova ordem política nacional. Este foi o DIP, o principal órgão de responsabilidade normativa de conteúdos e programas, que estabeleceu um parâmetro sobre o que foi produzido e divulgado a respeito do governo, o que ganhou um destaque ainda maior com a presença dos intelectuais. Isto também se deve à discussão de conceitos científicos e doutrinas utilizadas pelo regime durante sua conformação de ideias, que criaram uma coesão de formulações políticas em favor do Estado.

A princípio, será analisado o mérito do DIP no governo estado-novista e seus métodos de controle e censura dos meios de comunicação. Esse órgão tinha uma posição privilegiada no regime, por manipular e transformar todas as informações que favoreçam os interesses do Estado. A estratégia deste departamento consistia em obter o monopólio de todas as correntes ideológicas e métodos para o controle de uma coletividade social e nacional, na tentativa de suprimir todas as doutrinas que fossem contrárias ao aparato ideológico constituído pelo governo.

Segundo Maria Helena Capelato¹⁹, o controle dos meios de comunicação executado pelo regime estado-novista tinha como função primordial a propaganda, responsável por trazer à tona todas as benfeitorias realizadas pelo Estado em âmbito social, político e cultural. Além disso, esta era uma maneira de esclarecer e justificar

¹⁹ CAPELATO, Maria Helena. *A propaganda política e o controle dos meios de comunicação*. In: Dulce Pandolfi (org.). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. P. 169.

certas tomadas de decisões políticas realizadas pelo governo e de buscar para si o apoio da sociedade, mostrando toda a eficácia da propaganda durante este período.

Dentre os meios de comunicação, os que mais serviram para justificar a ação propagandista e autoritária do governo foram o rádio e imprensa, pois tinham um poder de politização muito forte ante os vários setores da sociedade, principalmente o dos trabalhadores. O primeiro foi o responsável por transmitir notícias, festividades e comícios em datas cívicas que destacassem os representantes políticos do governo. Um claro exemplo é a criação do programa “A Hora do Brasil”, transmitido pela Rádio Nacional durante o governo Vargas, através do qual se mostravam todas as atribuições e qualidades do governo perante a população. Este canal de divulgação desempenharia um papel importante da imprensa, devido ao seu alcance às camadas sociais e à rapidez de propagação informativa. A segunda teve sua importância na construção de teorias e correntes ideológicas que buscavam o consenso geral do regime. Os jornais e revistas se tornaram os principais canais de difusão e divulgação dessas doutrinas e conceitos científicos que legitimaram a intervenção estatal na sociedade.

A propaganda política é estratégica para o exercício do poder em qualquer regime, mas, naquelas de tendência totalitária, ela adquire força muito maior porque o Estado, graças ao monopólio dos meios de comunicação, exerce a censura rigorosa sobre o conjunto das informações e os manipula. O poder político, nesses casos, conjuga o monopólio da força física e da força simbólica. Tenta suprimir, dos imaginários sociais, toda a representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva. (CAPELATO, 1999, p. 169).

Com tudo isso, o DIP foi uns dos que mais teve a presença dos intelectuais, cooperando de forma satisfatória para o governo. Neste período, o Ministério da Saúde e Educação, chefiado por Gustavo Capanema, teve em sua órbita de gestão inúmeros intelectuais renomados que influenciaram, de maneira determinante, o rumo da política cultural do regime estado-novista. Entretanto, tal assunto será abordado, de forma específica e elucidativa, no próximo capítulo.

Retoma-se, então, a discussão sobre o papel exercido pela a imprensa e a participação dos intelectuais no intuito de conceber um discurso válido para legitimar o projeto político do Estado Novo. Nessa perspectiva, observam-se os jornais e as revistas

com uma função de cunho social e político, merecendo um exame bem particular, uma vez que arquitetaram todo um fundamental arcabouço para se apresentar uma nova democracia aos moldes do regime. A natureza de suas publicações terá, como alvo principal, formar e conceber os principais argumentos definidos pelo regime, criando, assim, um perfil ideológico com características próprias. Dentro desta estrutura, haverá uma arregimentação entre o governo e intelectuais, cujo propósito é a prestação de serviços políticos voltados para a formação de uma nova sociedade e identidade nacional.

Seguindo o raciocínio de Maria Helena Capelato, as redações dos principais jornais da época foram contra esse controle estatal, porque eram submetidos à censura, que os proibia de argumentar contra o governo, submetendo-as, em seguida, às diretrizes estipuladas pelo regime. Através de algumas medidas tomadas pelo governo estado-novista a partir de 1940, os principais jornais do período, em termos de influência e circulação, foram transformados em meios de comunicação oficiais do governo. Entre eles estão o jornal “O Estado de S. Paulo” e o jornal “A Noite”, ambos do estado de São Paulo, e “O Dia” e “A Manhã”, do estado do Rio de Janeiro.

Em linhas gerais, durante a produção dos conteúdos produzidos por esses jornais, havia a colaboração de intelectuais e grandes projeções artísticas e literárias. Isto fez com que seus pensamentos fossem atrelados à ideia edificante de nacionalidade, imposta pelo regime, estando ligados à literatura. O uso político desse meio de comunicação teve como meta principal a propaganda e a divulgação de atividades culturais propostas pelo governo estado-novista. Por outro lado, as revistas foram ganhando destaque especial no que concerne à criação de conceitos científicos que legitimam o regime. Apresentaram pensamentos, conseguindo atingir grande parte da população ao mostrar os feitos políticos do Estado. O mérito das revistas foi integrar diversos conceitos políticos e culturais, que condensaram ainda mais os pilares do governo, justificando o programa ideológico traçado e instalado.

É a partir deste momento que ocorrerá a junção entre trabalho intelectual e político, com a finalidade de pôr em prática o projeto que foi estudado e analisado pelos governantes, tendo como base científica todos os argumentos preparados de forma estratégica pelos intelectuais. Estes serão os principais mentores desse discurso dirigido às elites intelectuais e ao público geral do país.

Neste contexto, existiam algumas revistas preocupadas com a questão cultural e a ideológica estabelecida pelo governo. Serão analisadas, de modo investigativo, as duas revistas mais importantes deste período, visto que se tratam de veículos que tiveram uma grande presença dos ideólogos e intelectuais engajados: a “Cultura Política” e a “Ciência Política”. A primeira ficaria responsável por explicar todas as transformações políticas e sociais ocorridas no regime, além das medidas culturais executadas pelo governo. A segunda teria a incumbência de divulgar todas as concepções discutidas pelo regime na cultura e na política, de forma adequada, com o objetivo de transmitir, de maneira simples, as metamorfoses culturais ao povo.

Em síntese, a Cultura Política congrega os “grandes intelectuais” responsáveis pela criação de uma determinada concepção de mundo, informadora do discurso autoritário. A importância desses intelectuais é notória no conjunto ideológico estado-novista, dado que os seus discursos servirão como paradigma para toda uma camarada de “intelectuais médios”, que se prontificarão a difundi-lo para o conjunto da sociedade. Esta nos parece ser a função dos intelectuais da Ciência Política, que reconhecem como a prioritária a tarefa do INPC na divulgação dos ensinamentos do Estado Novo. Os intelectuais da Ciência Política se encarregarão, portanto, de decodificar o discurso produzido pelos ideólogos do Estado Novo, em grande parte presentes na Cultura Política.(VELLOSO,1982, p. 81).

Segundo uma das formulações da autora Mônica Pimenta Velloso a respeito do papel exercido por estas revistas em âmbito ideológico, considerando suas interpretações através dos intelectuais atuantes, ambas as revistas criaram as principais bases culturais e políticas do governo estado-novista. Os fundamentos e características da natureza de suas publicações foram conceber e constituir argumentos essenciais, os quais defendessem a instituição de uma nação, com todos os atributos necessários para o funcionamento de uma democracia mais integradora. Além de funcionar como estratégia política de propaganda, a montagem e produção destas revistas exerceram a função reflexiva de promover um debate de teorias e concepções filosóficas, que serviram de alicerce principal desta nova nacionalidade. Estas concepções eram transmitidas em publicações, configurando-se tais como canais divulgação de todos os pensamentos vigentes nesta época e relatando a valorização de uma cultura nacional cujos elementos eram aptos a promover a participação de vários atores sociais entre as mais diversas camadas, formando uma aliança político-social.

Quanto ao formato empregado nestas revistas, enquanto criadoras das ideias do regime percebeu-se uma hierarquização dos intelectuais em sua atuação: os de maior projeção e renome cultural e social ficariam responsáveis pela construção de concepções filosóficas que atendessem os interesses do governo; os de menores envergaduras político-cultural teriam a função de transformar esse discurso científico-político em uma linguagem simples e concisa, a fim de atender às diversas camadas sociais do país.

Nesse propósito, é conveniente afirmar que as formulações destas revistas serviriam, também, para constituir um novo conceito a respeito da democracia brasileira e para propor algumas articulações necessárias à definição do projeto ideológico, idealizado pelo Estado Novo, e a doutrina a ser seguida, com a finalidade de criar uma coesão entre paradigmas científicos que legitimariam o novo modelo político brasileiro.

É nesta perspectiva que as questões de maior notoriedade ganharão ênfase no discurso político vigente. Entre estas estão: cultura, política, igualdade e cidadania. De acordo com as análises de Ângela Maria de Castro Gomes²⁰, as principais propostas políticas responsáveis pelo surgimento do governo estado-novista contiveram ideias e argumentos que integraram esta estrutura de maneira a sedimentar o regime. A essência de seu trabalho foi a de apresentar o modo através do qual se introduziram as discussões de natureza filosófica, científica e sociológica, que ajudariam a criar todo um arcabouço governamental e a restaurar uma nova visão relacionada à identidade nacional. Segundo esta autora, este processo de renovação do governo começou com a Revolução de 30, quando se discutiam todos os males que impediam o desenvolvimento político e econômico do país para o status de nação. A partir deste momento, criaram-se algumas concepções políticas, as quais privilegiavam as questões sociais. Isto significava produzir novos conceitos de acordo com a realidade brasileira da época, a fim de se atender a todas as demandas da sociedade e as das diversas camadas sociais do Estado brasileiro.

As questões sociais não eram uma simples jogada política promovida pelo regime, mas sim uma realidade brasileira que precisava ser estudada com bastante particularidade, pois esses fatores deveriam trazer uma igualdade social a todos os

²⁰ Oliveira OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de. *O redescobrimto do Brasil*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1982. P.110-111.

cidadãos. Esta particularidade teve a função de fundar argumentos, os quais legitimassem a simbiose entre classes políticas e intelectuais, no intuito de formar um bem comum entre os homens da sociedade, materializando, desta forma, uma nova democracia. Esta ideia incomum teve como base orientações cristãs e materialistas que colaboram, assim, para a construção deste novo homem. Ao redor desse conjunto de propostas ideológicas, circulavam pensamentos de caráter renovador, que eram impulsionados, cada vez mais, ao direcionar medidas do governo em favor e em defesas dos trabalhadores.

Este novo projeto, de origem revolucionária, foi constituído como democracia social, pois ficaria responsável por integrar todos os conceitos, os quais dessem ênfase ao novo trabalhador brasileiro em seus direitos como cidadãos, inserindo-os em uma ótica política na qual sua participação era bastante necessária para legitimar o Estado Novo. Esta nova concepção política apresentada por Vargas tinha concebido por si só um novo conceito democrático de conciliar a cidadania com o novo viés dado ao homem brasileiro. A cidadania ganhará corpo, à medida que os direitos civis, políticos e sociais fossem adquiridos pelos trabalhadores com o interesse em edificar uma nação. Essa inovação intelectual teve, como ideia essencial, o abandono de doutrinas generalizantes e teorias liberais, as quais não se adequavam à realidade nacional.

Entre essas doutrinas, encontra-se o sistema liberal, implantado no início da República até a Revolução de 30, e sistemas totalitários que impediam a manifestação e integração da população a direitos que possuíam como cidadãos. O objetivo do governo estado-novista era lutar em favor do repúdio a essas formas liberais e autoritárias da administração pública, criando, assim, um conceito de democracia que privilegiasse a liberdade de escolha do povo e evidenciasse as diretrizes políticas do regime. Esta concepção de manter uma ideia de coletividade nacional exigida pelo Estado era orquestrada através de uma autoridade capaz de fundamentar atributos que unissem os interesses individuais e os do Estado nacional, em busca de uma nação.

Promovido pelo Estado em 1937, esse intervencionismo trazia consigo tendências políticas, culturais e sociais para serem postas em prática pelo governo. Esta definição caracterizava-se por atender o homem com necessários benefícios através do desenvolvimento econômico e social. Sem dúvida, esta articulação se encaixa no projeto político estado-novista. E a questão econômica também era importante, pois atendia às

diretrizes centrais do Estado ao promover uma independência do trabalhador em relação a seus gastos.

Quanto à representatividade política, Ângela Castro Gomes descreve, em seu discurso, os esforços do Estado Novo em acabar com as brigas internas que impediam a articulação entre os três poderes, o multipartidarismo e o individualismo. Essas medidas representativas estavam causando um atraso para o país se manifestar como nação. Tal alegação partira do princípio de que essa representatividade vigente gerava um impasse nas iniciativas políticas para coordenar uma decisão democrática do Estado à população.

A mudança de concepção política impulsionava a originalidade estado-novista em conceber uma junção entre Estado e nação, diminuindo, desta forma, a influência dos partidos políticos nas decisões políticas do Estado. É a partir deste momento que se ergue inovadora solução política o corporativismo democrático, dando um novo sentido de governabilidade ao Estado. Isso enfatiza o contrato entre o poder político público e o povo, mostrando a transformação do processo revolucionário ao unir a autoridade e a legitimidade do chefe de Estado.

A metamorfose política atribuída ao Estado Novo tem um pouco a ver com a postura tomada por seus políticos em enxergar, no povo, o elemento primordial de sustentação política. A partir daí, haverá um esforço em capacitar a população, dando-lhe uma força necessária para que suas necessidades sejam atendidas, e, através disso, erradicar toda a pobreza e miséria em que se encontrava o país.

O Uso Historiográfico das Cartas

Antes do início de uma descrição bem minuciosa sobre as cartas e correspondências dos intelectuais, tanto no período que antecede o Estado Novo, como naquele em que se mostravam atuantes no governo, vale evidenciar a configuração política assumida por este regime. Desmitifica-se, a propósito, o posicionamento político dos intelectuais participantes deste arcabouço político-ideológico através da comprovação do envio das missivas entre eles, destacando o mérito das cartas em desvendar partes desse período histórico até então não enxergado por pesquisadores.

Faz-se uma análise historiográfica para comprovar a importância das cartas como método investigativo de estudo sobre um determinado período histórico, evidenciando nuances do missivista ao descrever, em ricos detalhes, os acontecimentos da ocasião. Nesse contexto, aponta-se, também, o olhar do historiador em confrontar as cartas, de maneira subjetiva, com outros documentos, a fim de contribuir com outros argumentos no debate historiográfico.

Outra característica essencial, na abordagem das cartas, seriam as articulações dos intelectuais, políticos e pessoas envolvidas no engajamento político e cultural de um determinado projeto e preenchimento de cargos públicos em órgãos governamentais.

Drummond e Capanema parecem haver, assim, na prática, resolvido a questão do relacionamento sempre difícil entre o intelectual e o poder, através de uma associação no qual cada um assumia de forma exclusiva um dos papéis. Se Drummond renunciava de bom grado ao poder, Capanema, no entanto, jamais renunciou explicitamente à sua pretensão intelectual, que mantinha pela preocupação com as questões relativas a educação e cultura, pela amizade pessoal que cultivava com escritores, pintores e artistas em geral, e pelo hábito de estudo e leitura. Ela procura ser, sempre, um intelectual no poder. A grande questão é entender como consegue, ou não, combinar as duas coisas dentro de si mesmo. (SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro, 2000, p. 42).

Em sua proposta de análise a respeito do grande valor que têm as cartas no campo historiográfico, Teresa Malatian²¹ debruça-se sobre aspectos importantes que giravam em torno da implícita trama existente nas missivas enviadas entre intelectuais, políticos e artistas ligados ao governo. Em suas formulações, ela explica também o início das abordagens das correspondências a cargo dos historiadores, através das quais valoriza a biografia e autobiografia de indivíduos importantes da história política e cultural do país.

Esse *boom* editorial teve início na década de 80, revelando algumas importantes coletâneas de diversos períodos marcantes da história brasileira e indicando inúmeras conversas entre políticos e intelectuais, e ministros e escritores de uma determinada época da História. A função cultural é outra característica importante a ser refletida,

²¹ MALATIAN, Teresa. “*Cartas*” - *Narrador, registro e arquivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). São Paulo. Ed. Contexto, 2012. P. 195.

pois elucidará o hábito comum de escrever cartas por parte de uma determinada camada social, evidenciando os sentimentos expressos nas correspondências.

As missivas escritas poderão sempre abordar assuntos gerais e específicos tais como demonstração de amizade, conselhos, pedidos, recomendações etc. Esses assuntos funcionavam como manuais de articulação entre pessoas envolvidas com algum tipo de engajamento em movimentos literários, culturais e políticos, no intuito de verificar a participação de indivíduos importantes nos momentos significativos do período histórico analisado²². Na visão da autora, a investigação do historiador no conteúdo das missivas será primordial na abordagem histórica em relação a assuntos culturais e políticos. Isto implica um ordenamento que permite visualizar uma integração de pensamentos e práticas individualistas, o qual explica o movimento transitório dessas pessoas na sociedade.

Outra característica importante a ser observada neste debate sobre o mérito das missivas nas discussões historiográficas é forma de análise utilizada pelo historiador. Este modo de investigação poderá ser trabalhado de duas formas: objeto ou fonte. A primeira tem como característica a análise da escrita em âmbito cultural, descrevendo a riqueza do material observado. A segunda opera de forma mais científica, abordando as principais considerações examinadas pelos historiadores, ao diversificar as interpretações das missivas encontradas. Isto depende da estratégia do historiador em manusear os documentos em busca de uma coerência e coesão dos fatos, de acordo com os acontecimentos descritos.

Este conjunto de métodos e abordagens historiográficas é uma condição do historiador de nuançar uma diferença simples – entretanto muito importante – nos diálogos entre documentos examinados e as correspondências escritas por indivíduos pertencentes a círculos políticos e intelectuais neste período. Propõe-se uma abordagem metodológica situada nas implicações ocorridas entre as confrontações dos materiais produzidos pelas missivas, gerando, desta forma, um documento que legitime e dê veracidade a esse processo. Neste trabalho, sugere-se uma confrontação de maneira distinta: serão analisados os indivíduos responsáveis pela elaboração das missivas, contextualizando o período histórico, no qual será exercida uma perspectiva

²² MALATIAN, Teresa. “*Cartas*” - *Narrador, registro e arquivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). São Paulo. Ed. Contexto, 2012. P. 196.

historiográfica correspondente a fonte ou objeto. Conforme Teresa Malatian interpreta, esse quadro analítico quanto à aplicação desses métodos é um modo particular de eficácia e bastante elucidativo de proceder, em analisar as missivas de forma científica.

A partir daqui, será discutido a questão que é tida como o cerne deste trabalho, que subsidiará com ideias e pensamentos a elaboração de um projeto que indica todas as articulações entre intelectuais e políticos que arquitetaram o surgimento do Estado Novo. Tornou-se possível marcar sua presença de forma passiva e ativa dentro do governo, e assinalar os espaços onde suas contribuições obtiveram resultados satisfatórios. As correspondências serão as principais fontes de compreensão sobre esses acontecimentos políticos ocorridos entre as décadas de 20 e 30.

Os conteúdos presentes nas missivas ajudarão a esclarecer como funcionava a dinâmica das redes de sociabilidades em torno desses indivíduos responsáveis por produzir pensamentos referentes a movimentos literários e culturais, e a uma nacionalidade em formação. Através dessa rede, os intelectuais criaram uma comunicação interna, por meio das quais poderiam expor opiniões, sentimentos, projetos políticos e outros aspectos relativos à política do país.

De acordo com a análise sobre os intelectuais por parte de Jean François Sirinelli,²³, explica-se, de maneira esplêndida, a responsabilidade que os intelectuais assumiram em participar da sociedade no âmbito cultural e social. Os argumentos por ele utilizados serão de suma importância para compreender tais redes de sociabilidade quanto à sua abordagem histórica.

Os principais conceitos que dão fundamento à proposta de Sirinelli em relação aos intelectuais são o itinerário, a sociabilidade e a geração. Este conjunto de pensamentos expõe toda uma conectividade entre os argumentos relativos à história política dos intelectuais. O primeiro debruça-se sobre a trajetória e percurso dos intelectuais nas mais diferentes ações políticas e sobre a questão das interpretações documentais, que evidenciaram, de modo correto, o estudo a respeito dos intelectuais, associando a perspectiva sociológica e social como a mais adequada. A segunda é um dos mais importantes conceitos no que se refere à articulação dos intelectuais, pois torna-se evidente toda a circulação de ideias, a construção de ideologias dominantes e a

²³ SIRINELLI, Jean François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, Réne. Rio de Janeiro. 2.^a Ed. FGV, 2003.

coletividade nacional descrita por eles, apontando a interferência desse grupo em movimentos políticos e associações. A terceira discerne a contribuição do estudo sobre a sociedade intelectual e suas relações políticas de seu entorno, definindo uma interação entre ambos.

Da mesma forma, Sirinelli refere-se a respeito das “estruturas elementares de sociabilidade”, enfatizando todo um arcabouço participativo dos intelectuais na sociedade e mostrando os conchavos no campo intelectual e político. O desenvolvimento desta perspectiva fomenta a junção de ideias e pensamentos, informando a adesão política de intelectuais a partir de amizades, fidelidades mútuas, visões e engajamentos. A divulgação dessa reciprocidade política era feita através de revistas, manifestos, abaixo-assinados e movimentos culturais.

Acrescentar essa discussão ideológica e sociológica a respeito dos intelectuais ajuda a explicar toda uma “rede de sociabilidade” presente entre os principais intelectuais referendados neste trabalho que estiveram presentes, de forma significativa, na estrutura do Estado Novo. Entre estes intelectuais estão Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, dentre outros envolvidos politicamente neste engajamento, que, de forma essencial, fizeram parte na reorganização política e auxiliaram diversos projetos culturais. A propósito, os intelectuais citados acabaram por conseguir uma maior projeção no governo. Mais à frente, poder-se-á discernir, de forma mais detalhada, a participação e influência desses intelectuais no governo estado-novista.

O livro “Tempos de Capanema”²⁴ consegue apontar a entrada destes e outros intelectuais na vida política do país, com o objetivo de transformar o Estado nacional em uma estrutura mais coesa e coerente, junto às suas tradições nacionalistas. Entretanto, para que isso ocorresse, era preciso moldar os cidadãos e a sociedade em geral a certos critérios políticos, culturais, educacionais e sociais. Esse modo particular é o mais adequado de alcançar uma legitimidade nacional e constituir uma nação com características brasileiras.

O pensamento embrionário da metamorfose política e cultural em que estão envolvidos estes intelectuais não começa apenas com entrada de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde em 1934, mas sim com uma gênese de intelectuais

²⁴ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 24.

surgida a partir da década de 20, que propunham uma renovação de padrões estilísticos, ideológicos e literários. Daí em diante, começam a se formar núcleos e grupos de intelectuais presentes nas cidades mais influentes para a política e a economia do país, com objetivo de discutir as transformações nas tradições e costumes dos brasileiros.

Os intelectuais da Rua da Bahia, em Minas Gerais, são um modelo claro de sua manifestação na vida política por que passa o Brasil. Sob a liderança de Gustavo Capanema e Carlos Drummond de Andrade, constituiu-se um círculo de debate envolvendo inúmeros assuntos relativos a economia, movimentos literários e artísticos.

Se Capanema participava desse grupo, era bem pouco típico. “De todos”, lembra Drummond, “era talvez o mais terrível consumidor de livros. Era também o mais ascético, e não participava do gosto que um ou outro frequentador do recinto sagrado nutria pelas peregrinações noturnas nos bares, com declamação de poemas do modernismo nascente e largo consumo de cerveja gelada.” Em relação à política, Drummond o descreve como “dos espectadores mais frios, cuidando menos de julgar o governo do que o ignorá-lo, para melhor se consagrar à análise pura do fenômeno político, numa espécie de inconsciente preparação ideológica para atividade de governo que em breve lhe seria dado a exercer”. Era o “homem de livro e de lâmpada”, o “clérigo puro”, que se viu, um dia, chamado às contingências da vida política. (SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro, 2000 p. 43).

A existência desse grupo de intelectuais aponta, também, para um fato inovador: a constituição de uma rede social, conectando os principais argumentos que causaram essa mudança brusca na cultura da década de 20. Estes assuntos faziam parte da pauta principal destas associações literárias e movimentos artísticos. Por meio destas articulações construídas através de tendências culturais e sociais, eles conseguiram encontrar outros intelectuais engajados nas manifestações artísticas.

Essa rede de relacionamento entre intelectuais tornou-se mais intensa e influente politicamente na década de 30, com sua inserção em órgãos públicos e ministérios, prestando serviço de consultoria e produzindo concepções culturais ao regime. O estudo das missivas ajuda a desvendar todos os enigmas referentes à participação do intelectual no programa governamental, trazendo a lume a importância da análise das correspondências para a historiografia.

Ao se inclinar o olhar de forma analítica à tese do livro “Tempos de Capanema”, pode-se visualizar muito bem este conceito de cooptação da intelectualidade e o dinamismo dos intelectuais, visto que alguns tinham interesses próprios de alcançar uma projeção social e econômica através de integração com o governo e, além disso, obter conchavos culturais e políticos que permitissem revelar suas obras. As brigas internas também refletirão um tanto a dificuldade de coesão de ideias entre esses indivíduos e as disputas internas pela supremacia de movimentos literários.

A partir desse exame, poder-se-á concentrar a investigação nas correspondências, com o escopo de demonstrar as congruências e incoerências dos intelectuais em meio a estes dispositivos de sociabilidade, evidenciando, de maneira sutil, as qualidades que permearam seus conceitos nas matrizes do governo.

Mário de Andrade e as Missivas

Mário Raul de Moraes de Andrade, ou simplesmente Mário de Andrade (1893-1945), formou-se no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde também lecionou História da Música. Foi um dos grandes intelectuais brasileiros que influenciaram diretamente na cultura e em suas ramificações através da política. Como artista e intelectual, teve grande participação na organização da Semana de Arte Moderna de 1922, que simbolizou a quebra de um paradigma e dos critérios de pensamento artísticos europeus na cultura literária brasileira.

Na política, procurou sempre manter sua presença de forma indireta em decisões e campanhas políticas do cenário nacional, apesar de exercer uma função de “assessor intelectual”²⁵ junto a políticos de carreira que buscavam privilegiar a cultura nacional e difundi-la para o grande público. Sua atuação política, cultural e pessoal ganha em atributo, devido a seu ofício de escrever missivas, nas quais se relacionava com amigos intelectuais e políticos.

As correspondências trocadas por esses intelectuais serão o cerne principal deste trabalho, visto que contextualizam a conjuntura política nacional, sob a ótica de Mário de Andrade, junto com demais intelectuais, artistas e políticos, no período que antecede a implementação do regime do Estado Novo e que decorre em governo autoritário no Brasil. Esses laços de amizade fizeram com que o escritor fosse arremessado ao encontro da política, em razão da experiência adquirida durante a Semana de Arte Moderna, ocasionando o encontro entre políticos e intelectuais.

Antes disso, entretanto, há um encontro que marca, não somente o início da amizade de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, mas também um intercâmbio intelectual entre paulistas e mineiros, o qual geraria frutos importantes na política, principalmente no âmbito da cultura. A carta de Drummond a Mário, datada de 28 de outubro de 1924, é um testemunho fiel dessa confluência de ideias destes dois intelectuais em favor da cultura.

²⁵ MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difusão Editorial S. A., 1979, p. 24-25.

Prezado Mário de Andrade,

Procure-me nas suas memórias de Belo Horizonte: um rapaz magro, que esteve consigo no grande Hotel, e que muito o estima. Ora, desejo prolongar aquela fugitiva hora de convívio com seu claro espírito. Para isso, utilizo-me de um recurso indecente: mando-lhe um artigo meu que você lerá em dez minutos. Dois méritos: é curto e “fala mal” do senhor Anatole France (aliás, Anatole France é um velho vício dos brasileiros, e meu também).

Li uma excelente carta que você enviou ao meu amigo Martins Almeida. Quanta verdade nas ideias! E quanta força desabusada! Estou convencido que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intelectual. Ou por outra: é preciso convencer-se a gente de que é brasileiro! E ser brasileiro é uma coisa única no mundo; é de uma originalidade delirante. Não confundir com o nacionalismo. Aliás, você sabe disso melhor que eu.

Tenho imenso desejo de conhecer o seu “Noturno de Belo Horizonte”. Numa carta, que tive prazer de receber de Manuel Bandeira, há entusiásticas referências a esse trabalho. Ser-lhe-á difícil ou oportuno comunicar-mo?

Recomende-me ao Oswald, de quem não tenho notícias, embora lhe escrevesse.

Meu apertado abraço do seu

Carlos Drummond

Rua Jardim, 108²⁶

O conteúdo desta missiva tem informações importantes no que diz respeito à dinâmica de funcionamento das redes de relacionamento dos intelectuais sobre assuntos culturais, posicionamentos políticos e literários. Essa forma de eles dialogarem e divulgarem suas ideias serão bem úteis para se analisarem a presença e contribuição desses personagens importantes no regime autoritário do Estado Novo.

Segundo Helena Bomeny²⁷, o poeta Mário de Andrade teve uma grande capacidade de imergir nos principais assuntos atinentes à sua vida pessoal e à profissional. Isso impressionava, pois poucos intelectuais tiveram tanta capacidade produtiva no que tange ao acervo cultural e poético. Sua regularidade, constância e

²⁶ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 1, 2012, p. 40-42.

²⁷ BOMENY, Helena. **Um poeta na política - Mário de Andrade, paixão e compromisso**. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 29-30.

volume de produção das obras fizeram com que outros indivíduos enxergassem suas obras e escritos de maneira diferente, dando mais importância para mensagem contida de forma implícita. No trecho a seguir, de maneira magnífica, a autora caracteriza as principais qualidades do poeta quanto à sua vida pessoal e à sua atuação profissional.

Mário de Andrade é figura-chave para ultrapassar fronteiras e provocar cruzamentos nem sempre usuais, e menos ainda consentidos, entre paixão e cotidiano, emoção e racionalidade, poder e sensibilidade, sensualidade e razão, ciência e literatura, política e poesia. O missivista emociona, desnuda, impressiona. Por vezes, constrange. Mostra limites exibindo, despudoradamente, os seus próprios. Interpela presunções cobrando profundidade. Mostra inócuo, penetrando em rotinas diárias. A humanização constitui a nota daquela personalidade que fez herdeira de missões nem sempre possíveis, com inesgotável capacidade de provocar os atentos e até os desavisados. (BOMENY, 2012, p. 30)

Dentro de seu círculo de amizades com outros intelectuais, desde a época que frequentava o conservatório musical de São Paulo até sua entrada no departamento de cultura da mesma cidade e seguinte participação no Ministério da Saúde e Educação, então sob o comando de Capanema, existiram pessoas importantes que fizeram parte de sua vida profissional até fim de seus dias. Entre elas, estão: Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Rodrigo de Mello Franco e Gustavo Capanema²⁸. Porém, dentre esses todos, o que mais se destaca em sua vida profissional e sua convivência afetiva é Oneyda Alvarenga. Em seu “divã particular” com essa amiga de grande valor, o poeta foi capaz de lhe contar seus segredos mais íntimos e secretos. Todos os dramas, tremores, angústias e momentos de felicidade foram descritos através de cartas, ou mesmo compartilhando diversas experiências profissionais que, juntos, tiveram no Departamento Cultural de São Paulo. Neste período em questão, estavam trabalhando num projeto iconográfico sobre musicalidade brasileira nas regiões de todo país²⁹. Em missiva datada no ano 1935, de forma a comprovar a importância de Oneyda em sua vida, Mário de Andrade pede a Drummond que analisasse a obra dela, que, por sua vez, estivera trabalhando com muita dedicação.

Meu querido Carlos,

²⁸ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 23-25.

²⁹ ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, Um Pouco*. Rio de Janeiro. Ed. Livraria José Olympio S. A. 1934, p. 4-6.

Você poderia achar um tempinho pra responder sucintamente a este inquérito? Não se trata de cavação, lhe juro. Talvez você já escutou falar de Oneyda, lhe garanto que tem muito valor e o livro dela sobre *Linguagem musical* (de que o inquérito é apenas um capítulo) é realmente obra séria, que ela está escrevendo faz uns três anos. E eu que não fui ao Rio!... Um abraço do sempre

Mário³⁰

Por possuir uma presença marcante na vida do poeta, a escritora descreve bem o caráter humano e a personalidade artística de Mário e, mais tarde, seria incumbida de uma missão importantíssima: a divulgação das obras póstumas deste intelectual. Para muitos, realizar este trabalho seria uma tristeza enorme, entretanto, ela encarou esse desafio com uma enorme gratificação de homenagear esse grande modernista.

Parte-se do ponto de vista ideológico de que Mário de Andrade teve sua participação política caracterizada como indireta³¹, pois não participou ativamente de movimentos revolucionários e de projetos político-partidários. Particularmente, sua trajetória política teve início com a Revolução Constitucionalista de 1932, através de pensamentos e ideias de interesse restrito a promover o país a uma melhor condição cultural e educacional. Em princípio, ambos os setores seriam o carro-chefe desse projeto, no qual o intelectual e político Mário de Andrade empenhar-se-ia de corpo e alma.

Numa missiva escrita por Mário de Andrade, datada de 6 de novembro de 1932 e direcionada a Carlos Drummond de Andrade, o poeta expressa todo seu sentimento de revolta contra o governo provisório do Brasil e de afeição ao estado de São Paulo na revolução, visto que argumentou seus sentimentos a favor da luta paulista, a seu modo, nesse momento político em prol da sociedade em que vivia. Um trecho desta missiva marca algumas ideias propostas pelo modernista, dando início à sua caminhada junto à política.

[...] Assim, eu vi desde as primeiras horas da segunda-feira, esgotado o dia de surpresa coletiva, a unanimidade paulista se lançar apaixonadamente na guerra. Passei uns três dias ainda de amesquinamento. Numa revolta interior

³⁰ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 118 2012, p. 438.

³¹ *Idem*, 2002, p. 27-28.

da nadíssima, incapaz de tornar parte ativa, revoltado, chocado, indignado. Todas as liberdades proibidas, todas as independências castigadas. Entre constitucionalismo e ditadura, principalmente esta ditadura do Brasil, era fácil torcer. Em tese. Mas não era possível a São Paulo permitir qualquer independência de opinião. Quem não era constitucionalista, e era comunista, era miguelista, era ditatorial: São Paulo era mais um traidor infame, covarde etc. E isso me revoltava. Se tantas vezes tenho sido friamente pragmático na vida e praticado injustiças conscientes em proveito de alguma verdade utilitária, d'alguma "verdade viva", era a primeira vez que tomava conta direto do pragmatismo irracional da guerra. Tinha todos os impulsos finais, me erguer contra essa monstruosidade também, a ser linchado e acabar, ou acabar ainda, mas do outro lado, indo sacrificar minha vida de paz, tomando alguma bala de trincheira por aí. Também esses impulsos caíam logo, respondidos por outros de igual... lógica. Na verdade, eu perdera completamente a felicidade de ser feliz. [...] (Carta de Mário de Andrade, In: FROTA, 2012, p. 428).

Em seu diálogo sereno com seu amigo Drummond, Mário de Andrade expôs todas as inquietações que sentia, ao mesmo tempo, estando presente dentro da revolta. No entanto, seu interesse veio a partir da mobilização de todos os setores da sociedade, ao se sentir no direito de intervir na causa paulista. Dando continuidade a sua explicação ao amigo, ele diz:

[...] Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é meu castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em qualquer minuto, que é sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrinas, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue. E nossa unanimidade está por completo ausente do Brasil. E a História, o passado, o presente, ajuda bem essa desilusão e esse esclarecimento da unanimidade. [...] Porém mais imediata: a solidariedade paulista, que compensa tudo, me desfaz numa unanimidade vermelha e inventa raça. Dá uma satisfação, dá uma separação tamanha na gente se sentir paulista, não, você não pode imaginar, é um egoísmo fulgurante. [...] (ANDRADE, Mário de. In: FROTA, 2012, p. 428).

Após passada a turbulência na política nacional, que atingia o estado de São Paulo, o poeta deu início a sua carreira política, da mesma forma de outros intelectuais que compuseram o governo do estado, assumindo, mais à frente, funções importantes dentro de ministérios. Entretanto, houve dois momentos distintos da atuação de Mário de Andrade na política. O primeiro foi seu trabalho na prefeitura de São Paulo,

construindo e elaborando projetos ilustrados em âmbito cultural e educacional³²; o segundo ocorreu durante o Estado Novo, no Ministério da Saúde e Educação, sobre forte influência de Capanema³³.

A princípio, descrever-se-ão as atividades exercidas pelo poeta no Departamento de Cultura de São Paulo e a coordenação por ele exercida nessa empreitada cultural. Neste projeto audacioso implementado pelo modernista, conseguiu apoio de outros intelectuais os quais faziam parte de seu círculo de amizade. Ele teve uma atuação esplêndida, devido à sua compreensão em outros campos científicos, tais como etnografia e icnografia. Todas essas atribuições foram bem compreendidas por Mário de Andrade e capturadas pelo departamento, o qual evidenciou bem a ação participativa do poeta na política, com a intenção de legitimar a cultura³⁴.

Seu interesse não era apenas a institucionalização da cultura, mas também a abertura de novos canais de divulgação cultural, criando novas possibilidades de aprendizagem da arte em demonstração pública. A população nacional, em especial as crianças, era seu foco principal, pois seria disseminado, principalmente na infância, todo um conhecimento para as gerações futuras. O trecho a seguir revela um pouco esse projeto.

Mário concebeu a cultura por uma noção incorporada e extensa. Popular e erudito; sons e imagens; rituais e monumentos; crenças e manifestações sonoras. Era uma programação que demandava devoção e trabalho de equipe. A democratização da cultura, de um lado, a inclusão de muitas dimensões ao que seria considerado bem cultural, de outro, produziram a noção holística de cultura, que acabou extravasando para o conceito de patrimônio associado ao poeta modernista. (BOMENY, 2012, p. 81)

O começo deste trabalho foi muito gratificante, suntuoso e importante para o intelectual, porém, sem dúvida alguma, consumiu-o por inteiro. Mesmo assim, ele não abandonou hábito de escrever cartas aos amigos, relatando seus afazeres profissionais e intelectuais. Quando revela a respeito da sua autoria no projeto SPHAN (Serviço de

³² BOMENY, Helena. **Um poeta na política - Mário de Andrade, paixão e compromisso**. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 44.

³³ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 99-100.

³⁴ BOMENY, Helena. **Um poeta na política - Mário de Andrade, paixão e compromisso**. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. p. 78-79.

Patrimônio Histórico-Artístico Nacional), que futuramente chamar-se-ia de Iphan, aponta-se a todo um legado deixado por ele em órgãos públicos, referente à cultura nacional³⁵. Em trecho de correspondência, datada em 8 de janeiro de 1936 e enviada a seu amigo e confidente Carlos Drummond de Andrade, o poeta evidencia esse momento de elaboração de mais um empreendimento intelectual e profissional.

[...] O primeiro era mesmo escrever pra você, de você, de nós, não sei por causa do abraço de ano-bom, se porque peguei esta manhã folgadinha, só porque ontem acabei uma lei que me estava enquilizando, a da consolidação do departamento. Então resolvi vadiar esta manhã e me pôr em dia com os amigos. [...]

Aproveitando-se de tempo livre, Mário tira o dia para escrever missivas aos amigos, hábito comum ao poeta. Tira proveito desse tempo, também, e, através de carta de 8 de março de 1936, relata a Drummond que atendeu ao pedido de Capanema para criar um anteprojeto do SPHAN.

Carlos,

Peço a você comunicar ao Capanema que estou trabalhando sempre no que ele me pediu. Mas você deve bem imaginar que não tenho quase tempo, além do que o caso de reflexão pra saia um organismo bastante completo ou pelo menos regulamento completo. De resto o caso me apaixonou. Se é certo que quase tudo me apaixona, isso me apaixonou particularmente. Xi! se se realizarem pelo menos três quartos do que estou sonhando estes dias, palavra que será uma boniteza. Ciao. Espero em abril dar um pulinho de dois dias aí no Rio.

Mário³⁶.

Um fato claro nessas correspondências entre os amigos Carlos e Mário é a rede de sociabilidade³⁷ nos quais os intelectuais conversam entre si a respeito de seus trabalhos culturais e sua participação, de forma implícita, na esfera da política. Esse argumento é sustentado a partir de outras missivas, que também mostram arranjos de cargos políticos, conchavos intelectuais e favorecimento em negociações pessoais. Mais

³⁵ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M. B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 99.

³⁶ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 122, p. 448.

³⁷ SIRINELLI, Jean François. Intelectuais. In: RÉMOND René (org.). *Por Uma História*. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248-9.

adiante nesse trabalho, será analisado de forma particular como funcionava isso, tendo em vista as cartas permutadas entre os próprios intelectuais, durante o período do Estado Novo em que estes são inseridos numa conjuntura política nacional.

Mário de Andrade e o Governo Vargas

Parte-se de uma ideia que o poeta colaborou integralmente no novo regime político com apoio de Capanema e outros intelectuais sem nenhuma restrição, no entanto antes da sua entrada no arcabouço governamental do Estado Novo. Por vários episódios, deixa clara a tristeza e a indignação com sua saída do Departamento de Cultura de São Paulo. Para seus amigos mais próximos, revela seu estado emocional, físico e financeiro. Isso sem falar da amargura que teve com o fechamento de todos os projetos culturais, consolidados e iniciados por ele no Departamento.

A execução do plano político-ideológico estado-novista em 1937³⁸ foi marcada pelo fechamento de vários projetos culturais pertencentes a opositores e perseguições contra as organizações que viessem de encontro ao poder vigente instalado. Entre os quais, encontrava-se o Plano Cultural do Poeta na prefeitura de São Paulo, aliado ao prefeito e amigo Paulo Prado. As mudanças foram logo sentidas com a saída de outros intelectuais ligados ao projeto cultural iniciado em 1935. Dessa maneira, com tantas intervenções políticas sem que houvesse nenhum estímulo do governo federal, o projeto acabou atrofiando-se até seu término em 1938.

Mesmo com sua saída da chefia do departamento, ele consegue concluir o trabalho do SPHAN, feito por Capanema. A partir deste momento, a revista desse órgão passa a ser dirigida por seu amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade³⁹, com o qual tem uma forte ligação intelectual e de amizade, construindo, dessa forma, um diálogo contendo conteúdos e argumentos de sustentação ideológica que legitimassem um novo órgão para a valorização das obras e artes plásticas. Em carta datada de 17 de novembro

³⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge e LUCILIA, DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (ORG.) *O tempo do Nacional-Estatismo: Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, Vol. 2, p. 148.

³⁹ Foi um intelectual responsável por dirigir a revista SPHAN e atuou ao lado de Mário de Andrade nesse órgão. Para ler a respeito: *Cartas de Trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945)*. Introdução e notas de Leila Coelho Frota. Rio de Janeiro: MEC, SPHAN, Pró-Memória, 1981.

de 1937, Mário de Andrade relata a Drummond algumas adversidades burocráticas atreladas à nova formatação da política nacional.

Carlos querido,

Apenas uma reclamação zangada. É inconcebível que o Ministério da Educação não tenha inscrito biblioteca pública municipal na lista de entidades que recebem todas as publicações feitas pelo Ministério, não acha mesmo? Aqui vão comprando, comprando, mas não acho isso razoável. Peço-lhe tomar uma providência enérgica. O SPHAN do Rodrigo já está mandando as publicações dele, mas é só.

Ciao, com abraço.

Mário⁴⁰

Após a destituição do seu cargo no Departamento de Cultura de São Paulo, onde lutou até o fim para criar alicerces legais de propagação da cultura para a população brasileira, Mário afundou-se numa crise existencial. Revelou para seus amigos mais próximos e confidentes os seus temores, desencantos e problemas financeiros que o rondavam há anos, agora vindo à tona depois desse episódio triste de sua vida pessoal e profissional⁴¹. Logo após ter passado a tormenta, o poeta conseguiu erguer-se outra vez e dar continuidade a seus projetos pessoais, ao fazer um pedido de emprego a seus amigos intelectuais – um sem muita projeção política – a fim de mergulhar novamente em seus planos culturais. Então, foi-lhe oferecido um emprego no Instituto do Livro, o qual permaneceu por um tempo determinado. Uma correspondência enviada a Carlos Drummond de Andrade, no dia 15 de julho de 1938, descreve bem esse episódio.

Prefeitura do Município de São Paulo

Departamento de Cultura

Meu caro Carlos,

Acabo de saber por cartas do Rodrigo e do Meyer que Capanema está se caceteando aí por minha causa, e foi ou vai ao presidente pretendendo me dar a diretoria, ou coisa que mo valha, do Departamento de Teatros. Confesso lealmente a você que prefiro coisa mais modesta e obscura. O tal lugar de chefe da Seção do Dicionário e Enciclopédia, do Instituto do Livro, me agrada bem mais, porque não estarei em muito grande evidência e poderei

⁴⁰ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 130, 2012, p. 460.

⁴¹ ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, Um Pouco*. Livraria J. Olympio. Ed, S.A. Rio de Janeiro. 1974, p. 6.

um bocado mais refazer meu jardim. De qualquer forma, sempre estarei gratíssimo a vocês todos que estão preocupados comigo, mas é a mais leal das verdades que prefiro um lugar modesto no Instituto do Livro. Sou solteiro, não preciso de ordenado forte, e fico aí, mais próximo de mim mesmo.

Muito obrigado,

Mário⁴²

Uma marca desse regime recém-criado são as ambivalências e ambiguidades de sua administração e governabilidade. O regime que retirou Mário, políticos e outros intelectuais da chefia do Departamento de Cultura foi o mesmo que o recebeu no Rio de Janeiro. Partindo-se de um ponto de vista político-pedagógico, o Estado Novo redesenhou novas diretrizes para cultura e educação, recolocando Mário e outros modernistas na política. Foi uma estratégia do governo para iniciar um processo de identidade nacional⁴³, com ênfase em atividades culturais, e uma reforma do plano educacional com a pretensão de atender a todas as camadas da população.

Esse engajamento político e público dos intelectuais neste período rendeu bons frutos, conferindo uma nova postura para a política nacional sobre assuntos pertinentes a cultura, educação e arte. De acordo com Helena Bomeny, os incentivos à área cultural foram muitos, dando início ao projeto de identidade nacional. Tendo como base esse plano, vários investimentos concretos foram realizados como a construção de bibliotecas, enciclopédias e um dicionário sobre a língua nacional. Todas essas atribuições foram uma solução encontrada pelo Ministério para democratizar a cultura nacional.

Assim como queria, o poeta foi designado para trabalhar no Instituto Nacional do Livro e recebeu novas atribuições de Capanema, o que lhe proporcionou um ânimo a mais em seu trabalho no Ministério. Além de ter ficado responsável pelo Projeto do SPHAN e Enciclopédia, ele foi o responsável pelas negociações das esculturas a ser colocadas na entrada do prédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Mesmo com todos esses afazeres e já se encontrando em estado de penúria física, mental e

⁴² Carlos e Mário. *Correspondências de Calos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 132. 2012, p 462.

⁴³ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge e LUCILIA, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (ORG.) *O tempo do Nacional-Estatismo: Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, Vol. 2, p.149.

financeira⁴⁴, Mário de Andrade manteve-se firme e obstinado na sua missão de produzir meios de propagar a cultura nacional.

Porém, devido a seu cansaço, à falta de ferramentas adequadas para suas pesquisas e a uma paixão excessiva pela sua cidade natal, seu exílio no Rio de Janeiro durou pouco. Ele decidiu pedir demissão e retornar para São Paulo, a fim de poder cuidar de sua saúde e de interesses pessoais. Em trechos da carta direcionada ao ministro e amigo Capanema, no dia 4 de maio de 1942, ele descreve essa situação e lhe pede compreensão.

[...] Quero, porém, lhe participar também de outra coisa. Venho lhe pedir que me desligue do emprego que me deu, pois desejo me mudar para São Paulo e voltar definitivamente para a minha e sempre casa da Rua Lopes Chaves, 546.

As razões disso são muitas e não posso estragar seu tempo dizendo-as todas. Mas esta insolubilidade da minha vida, vivendo eu aqui e tudo quanto é meu em São Paulo, acabou me desesperando de uma vez. Não posso trazer tudo pra cá, seria loucura. Você bem pode imaginar o que isso acarretaria de atrapalhão e despesas nesta cidade de luxo, manter uma biblioteca de perto de mil livros, outro tanto de músicas, dois pianos e uma coleção bastante numerosa de obras de arte.

[...] Estes valores, pra mim, são mais fáceis de dizer por carta, que tenho sempre muito pejo de elogiar as pessoas na frente delas. Por isso deixo aqui a expressão mais sincera de grande admiração que lhe tenho e pela obra de cultura que você está realizando. Faço votos que ela continue por muitos anos. [...] (Carta de Mário de Andrade, In: BOMENY, 2012. P.159-160)

Em São Paulo, ele deu continuidade a suas atividades e aos projetos culturais no âmbito político. E cooperou de forma significativa até na escolha da estátua do prédio MEC, servindo de interlocutor entre o ministro e o artista Bruno Giorgi. Manteve essa discussão também com Carlos Drummond de Andrade, através de correspondência, relatando sua intervenção no orçamento da obra, tipo de material e escolha do artista. A missiva de 28 de julho 1943 confirma essa influência.

Meu Carlos,

⁴⁴ BOMENY, Helena. **Um poeta na política - Mário de Andrade, paixão e compromisso**. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 110.

Você decerto sabe que o Capanema outro dia me telefonou, pedindo que eu falasse com escultor Giorgi sobre o projeto duma estátua à juventude a ser erigida na frente do Ministério. Só hoje pude falar com Giorgi, porque ele estava ausente de São Paulo.

Ele ficou muito entusiasmado, pudera! E me falou aí principiar os estudos amanhã. Bem, mas sucede que esta minha vida atribulada, não tendo tomando nota das indicações todas do Capanema, porque imaginava falar naquele dia mesmo com o Giorgi, sucede que fiquei meio esquecido das indicações do ministro. O que encomendei foi assim:

1. Um projeto de estátua à juventude (não monumento) que podia ter duas ou três figuras, ou uma;
2. Em bronze ou granito (Giorgi prefere francamente o granito);
3. A estátua definitiva terá de quatro a cinco metros de altura, além da base.

Se for isso mesmo, sei de sua vida, nem precisa me responder, mas se tiver alguma retificação ou esclarecimento necessário, lhe peço me avisar logo porque o Giorgi vai principiar os estudos amanhã. [...] ⁴⁵

Quando o monumento foi escolhido, houve divulgação nos principais jornais de circulação da época⁴⁶. Nesse mesmo ano, o poeta passou por um calvário, ocasionado por doenças crônicas que o perseguiram, desembocando numa cirurgia a qual fora submetido. Mesmo assim, continuou perseverante em seu ofício, sem deixar a doença atrapalhar o que mais gostava de fazer.

Apesar dos problemas, ele manteve, através das missivas, um diálogo assíduo com Drummond, descrevendo suas tristezas e alegrias de viver em prol da cultura. Ele dizia que o trabalho o revigorava e o fazia se esquecer dos problemas que o rodeavam.

No ano seguinte, todos familiares, amigos e parentes foram surpreendidos com a notícia da morte do poeta Mário de Andrade, deixando um grande número de fãs simplesmente órfãos de sua inteligência, alegria, irreverência e genialidade. Em seu último ato de amor e carinho com seus amigos e parentes, o poeta redigiu uma carta-testamento, repartindo-lhes todos os bens culturais, acervos de livros e coleção de pesquisas científicas. Em trechos dessa carta, datada de 22 de março de 1944, fez-lhes referências.

⁴⁵ BOMENY, Helena. **Um poeta na política - Mário de Andrade, paixão e compromisso**. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, C. 15, 2012, p. 159-160.

⁴⁶ “A juventude”, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), 19.4.1944.

[...] Toda minha iconografia, jornais e quaisquer documentos da Revolução Paulista de 1932 serão destinados ao Instituto Histórico de São Paulo. Só se tirarão da coleção a bandeira de São Paulo em brilhantes e o anel de esmalte com as armas de São Paulo, que estão no armário de exposição de santos. A [sic; bandeira] fica com mamãe, o anel será para Carlos Augusto. [sobrinho, filho de Lourdes]. [...] Os objetos de valor etnográfico, ou folclórico, como Xangô, Exu de ferro, ex-votos em madeira, - etc. serão para o museuzinho da discoteca pública. Também se pedirá à Oneyda Alvarenga que escolha nas coleções da discoteca todos os discos de valor de estudo, folclóricos, nacionais e estrangeiros, que lhe interessarem. Os outros ficarão pros filhos de Lurdes. [...] (Carta de Mário, In: ALVARENGA, 1974).

Para seu amigo fiel, companheiro e discípulo, fez um último pedido por meio de uma missiva de apresentação, pedido que ajudasse outra pessoa em seu nome. Isso mostra toda intimidade entre os dois amigos de longa caminhada intelectual e política. As correspondências trocadas entre os dois, além de evidenciar uma opinião crítica de suas obras antes dos lançamentos, mostravam um tom bastante conselheiro em pontos de vista pessoal, intelectual e político.

Meu caro Carlos,
Apresento a você o meu amigo Aloísio Álvares Cruz, que é filho de amigo velho meu, e eu o quero muito bem. O que ele quer aí no Ministério não é difícil e você vai-me ajudá-lo com prazer de todos nós. Recebeu minha? Com abraço velho e grato do
Mário⁴⁷

O esteticismo político de Drummond

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), natural de uma pequena cidade de Minas Gerais chamada Itabira, era filho de fazendeiros importantes que exploravam essa região. Teve uma educação rebuscada, à altura da condição social e financeira a qual seus pais podiam lhe proporcionar. Então, foi enviado para estudar no Colégio

⁴⁷ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 161, 2012, p. 545.

Anchieta, importante instituição de ensino da época, localizada em Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro. Entretanto, não obteve sucesso neste colégio devido à rigidez característica do ensino jesuítico e acabou sendo expulso por “insubordinação mental”⁴⁸. Logo após a este episódio, ele então retornou a Minas e, rapidamente, ingressou na Faculdade de Farmácia para concluir logo um curso universitário, porque era o único que permitia a entrada do estudante sem a habilitação do colegial.

No período que esteve na faculdade, Drummond constituiu-se de um grupo de amigos mineiros que compartilhavam de assuntos em comum, relativos à literatura e cultura. Esse grupo era composto por Martins de Almeida, Emílio Moura, Pedro Nava, Pedro Aleixo, Milton Campos, Abgar Renault, Mário Casasanta, Gustavo Capanema, Arinos de Melo Franco, e o próprio Drummond. De certa forma, todos contribuíram de maneira específica na estrutura governamental do Estado Novo e deixaram suas marcas na vida política do país⁴⁹.

A convivência com esse grupo, que discutia diversos assuntos sobre a realidade brasileira, fez com que o poeta tomasse mais consciência dos objetivos desses encontros, que eram a troca de ideias entre correntes de pensamento de grandeza mútua. É neste contexto que eles têm conhecimento da “caravana paulista”, recém-chegada em Minas, com um grupo composto de pessoas ilustres no âmbito artístico, que partilhavam de suas ideias referentes ao desenvolvimento nacional. Entre as pessoas que compunham o grupo paulista, estava uma das figuras mais ilustres e importantes desse encontro: a do poeta Mário de Andrade, que seria um elemento unificador entre esses dois grupos distintos⁵⁰. Aliás, figura esta da qual Drummond tornar-se-ia grande amigo e confidente de suas obras e dilemas familiares, conforme comprovado neste trabalho.

Depois de ter concluído o Curso de Farmácia, em Belo Horizonte, Drummond ficou entre idas e vindas de sua cidade natal e a capital de Minas. Isso se deu pelo fato de ele não ter se estabelecido profissionalmente em sua carreira e por estar à procura de um emprego no qual pudesse expor suas qualidades e experiências culturais. No entanto, essa situação vivida pelo poeta muda quando consegue uma colocação no jornal Diário de Minas, o que marca uma virada em sua vida profissional e intelectual. Toda essa guinada deve-se ao amigo Alberto Campos, irmão do famoso político

⁴⁸ JORNAL O GLOBO, 22 de Janeiro de 2012, Segundo Caderno, p. 2.

⁴⁹ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 41.

⁵⁰ CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orfeu: A biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo 2ºed. Globo. P.101.

Francisco Campos, legitimando, assim, a rede de relacionamento existentes entre políticos e intelectuais. Trechos da carta de Carlos Drummond de Andrade, enviada a Mário de Andrade, datada de 7 de novembro de 1926, sinalizam essa transformação e evidenciam esse episódio.

Querido Mário,

Já sei que você está forte e rijo, pelas cartas esplêndidas que tem escrito, não só a mim como a Almeida e João Alphonsus. Mesmo se queixando ainda da trombada que levou, você encontra jeito para dizer uma porção de coisas sérias e bonitas que fazem de suas cartas as melhores cartas do mundo inteiro. Fiquei satisfeito com isso, nem imagina. E só comuniquei há mais tempo minha satisfação pela lufa-lufa besta em que tenho andado.

Sabe que mudei de Itabira? Mudei. Não pretendo voltar pra lá. Um amigo camarada me arranjou um lugar de redator no Diário de Minas, jornalzinho do PRM, de sorte que larguei a geografia pra pegar no oficialismo. Já dei ordem pra lhe mandarem o Diário. Você verá logo que é jornal da roça, e creio há de ficar satisfeito, considerando que, mesmo da roça, ele teve uma beiradinha para aconchegar este seu amigo, não é? De sorte que cessam agora as suas inquietações a respeito de minha vida intelectual, bruscamente caída no plano hostil de Itabira. Em Belo Horizonte, já se vive melhor graças a Deus. Os amigos estão mais perto e têm um ambientezinho artístico animador. Estou alegre. [...] E até amanhã. Não tenho dormido nada com essa lida de jornal, e de dia é aquela moleza! O resto fica pra depois. Abrace apertado o seu velho

Carlos (Carta de Carlos Drummond; In: FROTA, p. 252).

Ao longo do diálogo que manteve com Mário de Andrade através das missivas, Drummond não apenas discutia sobre tendências culturais e posicionamentos políticos, eles também trocavam ideias relativas à suas obras, divulgando-as em seus respectivos estados. Antes do lançamento destes trabalhos literários, os poetas emitiam uma opinião crítica a suas obras, sem serem negligentes um com outro. Esse fato mostra como funcionava a dinâmica de crítica de suas obras e a sua divulgação através de revistas, jornais e livros. Aliás, as livrarias eram o seu principal ponto de encontro. Em alguns fragmentos da carta enviada por Carlos a Mário, no dia 27 de abril de 1930, explica como funcionava tal mecanismo.

Meu velho Mário,

[...] Eis, aí Mário e amigo, a história da impressão de minha obrinha primeira. Ela aí vai. Sua opinião me interessa mais do que a de qualquer outro, e você sabe que eu já estou acostumado com sua franqueza rude. A sensação que experimento, ao ver esse livro concluído é de alívio. Sim, senhor! Que coisinha mais difícil de parir. Sinto que me libertei de alguma coisa incômoda, que me aporrinhava silenciosamente. Estou purgado de dez anos de lirismo desenfreado. Agora posso fazer outra coisa ou voltar a não fazer coisa nenhuma; de qualquer maneira, sou um cidadão impresso.

Agora, prepare-se para novas caceteações. Tenho poucas relações em São Paulo e, se acaso existe aí algum amigo seu a quem meu livro interesse, mande-me o nome e o endereço dele. Queria também os endereços de Alcântara, do Sergio Milliet e do Ribeiro Couto; indicação de livraria ou livrarias para quais eu possa enviar alguns exemplares, sem, é claro, a menor esperança de venda. E, finalmente, gostaria que você me dissesse quais os jornais daí para os quais vale a pena mandar o volume (eu acredito na crítica desses jornais, mas respeito a tradição). Por tudo isso, Deus lhe dará mais tarde um paraíso com todas as coisas boas e prestantes que lhe deve haver.

Você, há tempos, fez-me a gentileza de incluir o meu nome na lista de expedição do *Diário Nacional*. Eu trabalhava no *Diário de Minas* e era lá que recebia o jornal. Há cinco meses que passei para o Minas Gerais e, como jornal continuasse a ser remetido para o endereço antigo, pedi um amigo de antiga redação para escrever uma carta a respeito. Ele escreveu e a resposta é a que lhe mando com esta. O engraçado é que, depois da resposta, o jornal continua a me ser enviado... para o *Diário de Minas*. Ora, eu não quero abusar nem de você nem do Partido Democrático, mas entendo que, com este ou aquele endereço, uma assinatura graciosa é sempre uma assinatura graciosa. [...] (Carta de Carlos Drummond, In: Frota, p. 368-9).

Esta missiva evidência muito bem todas as articulações que envolviam o campo de publicação, divulgação e crítica de suas obras antes de chegar ao grande público. Sinaliza, também, o trabalho feito por Carlos Drummond de Andrade dentro das redações dos principais jornais de grande circulação da época em seu estado⁵¹. Aliás, será este o trabalho que o levará gradualmente ao encontro da política brasileira e às fileiras dos cargos públicos, produzidas pela Revolução de 30. Depois desses acontecimentos, ele exercerá um cargo de chefe de gabinete no Ministério da Educação e Saúde, tendo uma atuação emblemática e assídua ao lado de Capanema.

⁵¹ CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orfeu: A Biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo 2ªed. Globo, p. 130.

O início da década de 1930 foram anos difíceis para o Brasil por consequência da erupção política que tomou conta do país, das indefinições sucessórias à presidência e da falta de uma ideologia mais globalizante que pudesse atender às diversas correntes políticas as quais buscavam alcançar o poder. Dentro dessa conjuntura política revolucionária a respeito do golpe, existiam algumas vertentes, as quais desencadearam todo esse processo político, através de forças sociais mobilizadoras e constituídas de integrantes das classes médias⁵².

Neste período, Drummond passou por grandes inquietações na sua vida intelectual e profissional, tendo em Mário de Andrade seu principal confidente e orientador nessa verdadeira turbulência em vivia desde que iniciou sua carreira política trabalhando em jornais e revistas vinculados a órgãos públicos. Depois de ter vivenciado todo esse jogo de articulação e organização política, o qual tinha o objetivo alcançar o poder estatal, Drummond é inserido, definitivamente, no arcabouço da política nacional como chefe de gabinete da Secretaria do Interior, sendo nomeado por seu amigo Capanema, que, mais tarde, levá-lo-ia à capital federal, em dois anos, como funcionário do Ministério da Saúde e Educação.

Quanto à participação efetiva dos intelectuais em posições estratégicas dentro do governo ou em cargos públicos, visto que suas habilidades eram úteis para legitimar e conservar o poder do Estado, Sergio Miceli⁵³ aponta o processo de cooptação dessas pessoas letradas, visualizando todos os esforços necessários para que essa parcela de intelectuais seja introduzida de maneira benéfica aos trâmites políticos, transformando-se, em seguida, em consultores indispensáveis ao poder público. Em correspondência enviada a Mário de Andrade, datada de 12 de setembro de 1935, Carlos Drummond de Andrade explica bem todo esse movimento de entrada de intelectuais no governo.

Ministério da Educação e Saúde Pública
Gabinete do Ministro

Meu caro Mário

Tenho aqui o seu “Aleijadinho”, excelente como tudo o que você dá à estampa, e que encerra para nós outros, vagabundos e displicentes, mais uma lição de trabalho, de penetração crítica e de curiosidade intelectual extensa e

⁵² MENDONÇA, Sônia Regina. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 3.ºed. Rio de Janeiro: Grall, 1986.

⁵³ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 208.

variada. Você é ainda, pra nossa gente, uma alegria e um consolo. Obrigado por se haver lembrado de mim, mandando-me um exemplar, lido com delícia. Mas esta é para fazer-lhe uma rápida e não sei se desagradável pergunta: interessar-lhe-ia receber um convite para trabalhar no Rio, direção do Departamento de Extensão Cultural, coisa de três contos mensais e possibilidade de lecionar no Instituto de Música, talvez mesmo de transferir-se como catedrático daí para aqui? Interrogação do Capanema que eu lhe transmito cheio de alvoroço ante a possibilidade de um *sim*, mas no desejo do que esse *sim* seja dito sem qualquer constrangimento, pois nada se faria que não fosse da sua conveniência e prazer. Responda em breve. Manda-lhe abracíssimos e pede-lhe notícias o seu, de sempre,
Carlos Drummond⁵⁴

Esta missiva torna evidente o trânsito livre das ideias dos intelectuais dentro do Ministério, mostrando suas contribuições na esfera política, alinhadas à cultura. Dentro dessa estrutura, eles prestaram inúmeros serviços ao Estado, implementando suas obras e pensamentos de acordo com os interesses e necessidades do governo. Isso explica, também, diversos tipos de assessoria e posições importantes na burocracia federal.

No que diz respeito à designação dos intelectuais a cargos públicos no arcabouço governamental, eles tiveram funções distintas conforme o seu nível de intelectualidade e os arranjos de pessoas que compartilhavam do mesmo espírito político e de intelecto. Nesse caso, Carlos Drummond de Andrade é classificado como “escritor-funcionário”, porque suas obras comprovam que ele não foi coagido pelos os interesses do regime; pelo contrário, sem dúvida nenhuma, seu auxílio foi representado de forma sutil e com êxito no campo cultural⁵⁵.

Depois das observações analisadas, iniciará um período em que os desdobramentos vão de encontro com algumas ideias de políticos e intelectuais importantes que serão responsáveis por construir um projeto nacional dentro do Estado Novo. Essa confluência de pensamentos dentro do governo gerará uma relação tensa entre políticos e intelectuais, entretanto, que não atrapalhou a edificação dos projetos e suas execuções⁵⁶.

⁵⁴ Carlos e Mário. *Correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 119, p. 439-440.

⁵⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 212.

⁵⁶ HELENA, Bomeny. Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. In: BOMENY, Helena (Org.) *Constelação Capanema: Intelectuais e Políticas*. Rio de Janeiro: editora FGV 2001, p. 16.

Drummond e as Correspondências

Com a instauração legal do Estado Novo e a implementação de suas ideologias representativas e governamentais, o cenário político nacional ganhou novos contornos burocráticos com objetivo de alcançar um poder político moderno que pudesse atender às principais necessidades do país.

O regime de Vargas passou a tentar reconstruir o Brasil através de reformas em setores-chave, tais como educação, política, saúde e cultura. Essa nova experiência política englobariam novos agentes sociais que participariam, de forma veemente, para legitimar as medidas tomadas pelo governo. Esse projeto de organização do regime ~~vai~~ ganhou novos rumos com a entrada dos intelectuais na administração pública, que, por sua vez, assumiram funções estratégicas em cargos públicos e mantiveram uma relação estreita com políticos pertencentes à alta esfera do Poder Executivo⁵⁷. Esse mecanismo de cooptação foi usado para persuadir os intelectuais a dar sua contribuição de entendimento sobre as demandas culturais e artísticas de que o país necessitava para a construção de uma nação.

Essa nova gestão política marcaria um novo símbolo de interação entre políticos e intelectuais, no que diz respeito à criação de novos ambientes para que se possa programar uma política social mais significativa no Brasil. Isso passa a ocorrer através da intervenção do Estado em assuntos importantes, tendo em vista o seu papel intermediador entre a Constituição Federal e a aplicação dos conceitos os quais levaram, conseqüentemente, a um progresso de características democráticas. No entanto, tais rotinas burocráticas causavam alguns problemas e constrangimentos aos intelectuais, pois não estavam habituados a certos serviços do cotidiano político e, dessa maneira, geravam situações embaraçosas entre os intelectuais. Em correspondência enviada para Mário de Andrade, em 9 de maio de 1939, Drummond explica essa situação.

Mário,

Estou encabulado com o fato de ter aberto essa carta, entre os papéis que me mandaram para o Ministério – e ainda por não ter encontrado o envelope. Você me desculpe e atribua a fato à vida de papelório em que se debate o seu Carlos

⁵⁷ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 216.

Nesse contexto, os intelectuais são inseridos no arcabouço político do Estado Novo, não por acaso, mas sim através de Capanema, o qual serviu como ponte para que os “homens de espírito” fossem arregimentados para prestar serviço de forma direta e indireta.

A confluência entre esses atores sociais acabou por ocasionar o surgimento de um conjunto de ideias no qual seus esforços mútuos materializariam um esquema a privilegiar o culturalismo e a permitir avanços relativos à manutenção do patrimônio histórico nacional. Tal reciprocidade harmoniosa entre esses grupos não viria a ser coisa simples, entretanto esta fidelidade de pensamento deve-se ao fato de Capanema ter laços estreitos com esse grupo de modernistas pertencentes a Minas Gerais⁵⁸. Aliás, o grupo do qual o ministro participava de inúmeras reuniões, que eram realizadas na Rua Bahia, discutia sobre os principais assuntos referentes à conjuntura da década de 20.

Tal vínculo fez com que o ministro se lembrasse deles para ocupação de cargos de confiança de importância relevante dentro do Ministério. Esta repartição pública ficou conhecida pela grande presença de intelectuais responsáveis pela elaboração de projetos vinculados a cultura, patrimônio e educação. Numa de suas conversas através de missivas com Mário de Andrade, Drummond sempre se mostrou mais discreto do que Mário em suas opiniões a respeito de assuntos pessoais, profissionais e intelectuais. Entretanto, ele só foge a esse protocolo quando faz uma homenagem a seu amigo e poeta em torno dos 20 anos de comemoração da Semana de Arte Moderna. Em trechos da correspondência, datada de 19 de maio de 1942, pode-se ler:

Ministério da Educação e Saúde

Gabinete do Ministro

Meu caro Mário,

[...] Só tive oportunidade de contar a você a emoção que foi para mim a leitura de suas poesias. Na minha incapacidade orgânica para explicar por escrito as minhas emoções, e principalmente avaliar a razão delas, nada direi a você senão que assombrou a importância de sua poesia, assim reunida em livro único, que mostra bem a sua força lírica, às vezes um pouco esquecida diante da variedade e riqueza de sua obra ensaísta. Acho que sua obra poética está guardada para uma aceitação futura integral, tanto mais quanto nela é

⁵⁸ BOMENY, Helena. Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. In: BOMENY, Helena (Org.) *Constelação Capanema: Intelectuais e Políticas*. Rio de Janeiro: editora FGV 2001, p. 23.

mínima a porção capaz de obter o agrado fácil e imediato. Descobri que você está só no meio de vários poetas, só pelas suas preocupações especiais, pela sua realização própria, pela complexidade de sua pena poética. [...] Mas não posso fugir a uma quase confidência, depois dessa digressão confusa e atrapalhada. É a seguinte: ao lado dos motivos grandes de satisfação poética, a mim oferecidos por seu livro, motivo de pura voluptuosidade do espírito, houve um que me tocou mais de perto, foi o reencontrar nele o Mário dos anos 1920-30, o das cartas torrenciais, dos conselhos, das advertências sábias e afetuosas, indivíduo que tive a sorte de achar em momento de angustiosa procura e formação intelectual. Ele está inteiro nas poesias. E como permaneceu grande depois desse tempo todo! Sei que você compreenderá a minha emoção encontrando esse velho companheiro.

Abraço do

Carlos (Cartas de Drummond, In: FROTA, P. 474-5).

Nesta correspondência, Drummond descreve o evento ocorrido no Rio de Janeiro, no qual se celebra o aniversário do movimento modernista, que teve a participação de vários artistas nacionais e internacionais. Ele também se opôs contra os críticos de Mário de Andrade, argumentando que certas pessoas não reconhecem a importância do poeta na então conjuntura, porém as futuras gerações saberiam valorizar e admirar suas obras e projetos. Drummond tinha em Mário uma confiança descabida, tal que o considerava um irmão, uma espécie de pilar de sustentação ao qual recorria em momentos difíceis de sua vida particular e intelectual. Mesmo exercendo um cargo público, Drummond nunca deixou de escrever e publicar suas obras, pois o funcionalismo público nunca lhe foi obstáculo⁵⁹. No entanto, as críticas foram bastante exageradas quanto à qualidade de suas obras e à sua atuação no regime, o que ocasionou uma enorme frustração e abatimento de sua parte. Em fragmentos da carta direcionada a Mário de Andrade, no dia 14 de agosto de 1943, ele ratifica essa situação.

Ministério da Educação e Saúde

Gabinete do Ministro

Querido Mário,

[...] Sobre a pancada que ando levando... Bem, é da vida e da sujeira das coisas. Tudo que é gente safadinha e parasita de certos círculos oficiais está contra mim, aliás, não sei se será apenas contra minha a insignificante

⁵⁹ HELENA, Bomeny. Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. In: BOMENY, Helena (Org.) *Constelação Capanema: Intelectuais e Políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV 2001, p. 24.

pessoa, mas também contra alguma coisa a mais. A campanha é muito suspeita. E que dificuldade em ficar calado! Custa muito não responder.

Ainda sinto raiva e tristeza. Não sou bastante forte para não tomar conhecimento. Mas é preciso calar, já compreendi isto, não topar a provocação, esperar melhores tempos. Enquanto isso, sinto-me inútil e sem oportunidade, quando meu desejo era fazer coisas, ajudar, ter um papel.

Tudo isso é muito chato e melancólico. Perdoe o meio-desabafo. De mim, você já recebeu tantos naquele tempo! Esta agora é uma tristeza de idade madura, mais consciente e já depois de algumas vitórias sobre mim mesmo.

Escreva-me quando puder. Me avise de sua chegada. Muitos abraços. Seu velho

Carlos (Carta de Carlos Drummond, In: FROTA, p. 492).

Durante o período que estive no Ministério, Drummond nunca escondeu ser um “escrito-funcionário”; por isso era alvo de críticas tão fortemente, apesar de ser chefe de gabinete. Sua presença sempre foi questionada no Regime Autoritário de Vargas, por sua neutralidade nas decisões políticas⁶⁰. Para os críticos e outros intelectuais, sua permanência era uma incógnita à nova realidade da política nacional. Porém, a incorporação deste poeta ao funcionalismo público está ligada aos laços de amizade que possuía com o grupo de mineiros que tentaram fazer da cidade de Belo Horizonte uma capital cosmopolita da cultura nacional.

O insucesso desse grupo de Minas Gerais não fez com que eles entrassem em um ostracismo cultural; pelo contrário, deixaram marcas positivas e, de certa forma, influenciando ainda mais as redes de relacionamento com intelectuais de outros estados, e edificando uma teia de conhecimentos ao abranger intelectuais e letrados⁶¹. Em fragmentos das últimas correspondências enviadas a Mário de Andrade datada de 9 de dezembro de 1944, Drummond faz uma síntese de todos os principais assuntos que norteavam os conteúdos das missivas trocadas entre funcionários ministeriais ou simples amigos.

Ministério da Educação e Saúde

Gabinete do Ministro

Mário,

⁶⁰ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.231.

⁶¹ *Ibidem*, p. 235.

Entre tantos assuntos e presentes de você, fico hesitando e não sei por onde começar... Recebi livros, poemas, cartas. Tudo que você manda é necessário e importante. E não posso dizer que os livros, por serem conhecidos, são menos necessários. A verdade é que gostei de ver você numa coleção definitiva, que vai confirmar sua obra no que ela tem de sólido e permanente. É um documento oficial do nosso tempo, alguma coisa que poderá mostrar quando alguém sorrir do que foi no pessoal moderno e quiser repartir a opinião negativista dos que nos xingavam, nos xingam ainda... Eu me sinto justificado nas suas obras completas; me sinto também explicado e realizado. Acho que você foi grande por si mesmo, pela força própria e pelo suor do seu trabalho pessoal, mas um pouco dessa grandeza se espalha por todos nós e nos engrandece também. Esse caráter de sua obra, Mário, consola de tudo que tem sido incompreensão e malícia circunstante. Estamos pago, vingados e felizes.

[...] O autor e os leitores ficam na mesma, depois do rodapé. E a gente não pode, sozinho, usar de toda a energia consigo mesmo. Daí tantos contentamentos fáceis e tanta autossuficiência amoral que inutiliza a nossos literatos. Por aqui, então, está uma miséria... tenho a impressão de que nossos críticos estão perdendo completamente a noção do tempo e de vergonha. E o *slogan* fácil da guerra ao fascismo (não muito brava, é claro) os vai dispensando de qualquer esforço intelectual. Veja que o que se publica é ruim do ruim e todos os gloriosos. Ah! Mário, cada vez admiro mais a sua inconformidade e o seu nojo feroz de felicidade barata... [...] (Carta de Carlos Drummond, IN: FROTA, P. 436-7).

É interessante notar que o conteúdo desta missiva relata não somente os principais assuntos conversados entre os poetas, mas também notícias importantes de sua época. Quando eles fazem menção sobre a guerra que está acontecendo no continente europeu, o nazi-facismo já se encontrava em declínio na Segunda Guerra Mundial, assinalando, desta maneira, o fim dos conflitos armados entre países beligerantes. Também em tom de agradecimento e despedida, o poeta Drummond enaltece os esforços do amigo em produzir obras literárias de diversos assuntos e formas, tornando assim seu trabalho de produção grandioso.

Em fins de 1944, Carlos Drummond de Andrade já observava que o regime autoritário ao qual prestava serviço não conseguiria manter-se firme em meio às transformações políticas no âmbito nacional e internacional. Sem muito entusiasmo, observou a falência desse regime e compartilhou para si mesmo a última carta enviada

ao amigo Mário Andrade, que veio a falecer no início do ano seguinte, o qual sempre pedia a Drummond para construir ideias para um novo Brasil.

Conclusão

As principais discussões acerca dos intelectuais presentes na estrutura do governo tiveram como objetivo apresentar os percalços e as articulações vividas por esses atores sociais no cenário político nacional. A compreensão dessa simbiose entre políticos e intelectuais marca também um plano idealizado por essas figuras para construção de uma nacionalidade inexistente no País que buscava enaltecer valores importantes a serem agregados nesse projeto. Esses valores primordiais serão: a educação, saúde, cultura, preservação do patrimônio histórico e uma ideologia globalizante que atendesse essas diretrizes.

A pesquisa para construção desse trabalho evidenciou diversas questões que parecem pertinentes e relevantes para seguir com novos trabalhos relativos a esse tema. Dentre elas, a rede de sociabilidade exercida entre os intelectuais que mostra toda a dinâmica de relacionamento entre eles mesmos em momentos de instabilidade política nacional. Isso ficou claro, nos anos que antecederam a instauração do Estado Novo e durante o regime. Outra questão que se mostrou interessante foi a própria identificação dos intelectuais de aderir ao governo com o intuito de anteder interesses próprios e dá continuidade em suas pesquisas em assuntos relativos ao projeto nacional.

No que diz respeito a postura dos intelectuais na construção de ideologia que se mostrasse interessante ao governo, alguns deles sentiram-se bastante inclinados a assumir esta tarefa inovadora, entretanto, este trabalho foi elaborado com os intelectuais que exerceram uma forte influência na educação e cultura do País. E ainda, através dessa contribuição no campo das ideias, compreender os impactos de seus trabalhos culturais que serão deixados para gerações futuras.

Foi-nos importante perceber como os intelectuais e políticos interagiram de forma tão surpreendente num projeto político ligado ao governo. Apesar de que, a convivência entre ambos não ser tão amistosa devido as concepções políticas distintas, se esforçaram em realizar um trabalho edificante e propenso a melhorar a situação nacional ao qual estão presentes.

Além de consideramos a presença dos intelectuais no governo como um fator importante a ser analisado na perspectiva historiográfica. As missivas escrita por esses atores sociais vai evidenciar toda uma lógica de participação desses grupos na política nacional e a importância das cartas com objeto de análise no campo político. Suas atividades literárias e culturais vão servir como suporte na estrutura política do Estado Novo. E as missivas contribuirão para estudar todas as articulações presentes entre esses personagens. Além das questões culturais e políticas que norteavam as correspondências, é interessante que seja considerado o fato dos intelectuais utilizarem as também como meio de comunicação, troca de ideias e divulgação de suas obras.

Muitas questões foram levantadas ao longo da pesquisa a respeito dos intelectuais no governo referente a discussões historiográficas existentes acerca do tema pesquisado. Sendo assim, entendemos que sua participação dentro do regime foi bastante útil e importante no projeto de construção de uma nacionalidade e hábil na implementação de projetos culturais e educacionais para o País.

Conforme vimos neste trabalho acerca dos intelectuais no Estado novo procuramos evidenciar todos os seus discursos e posições políticas as quais tiveram neste período através das missivas. Com o objetivo de mostrar a importância das correspondências como um novo campo de análise historiográfica. Essa perspectiva procura resgatar e mapear toda a influência e medidas tomadas por essas figuras dentro do governo. É importante que seja observado também as múltiplas relações que tiveram com outros políticos com o auxílio da carta como veículo de comunicação e diálogo de ideias entre eles mesmos.

Em resumo, um trabalho como esse pode se revela importante em apontar a presença dos intelectuais em atividades políticas que serviram de base de sustentação do governo. Dessa maneira deixando de certo ponto suas marcas com a elaboração do projeto cultural de valorização do patrimônio histórico nacional.

BIBLIOGRAFIA:

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. In: contribuições para uma História dos intelectuais. (Trad.). Carlos N. Coutinho. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 7-8.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. In: Os intelectuais e o poder. Trad. Roberto Machado. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979. P. 71-73.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. “dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea” In: Intelectuais e poder. Trad. Marco A. Nogueira. 2.^a ed. São Paulo: Editora UNESP, 1996. P. 72.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo Ideologia e Poder*. In: O pensamento de Almir de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982. P. 32.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. In: Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012. P. 436.

SOUZA, José de Inacio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annblume: Fapesp, 2003.

FRANCISCO, Campos. *O Estado Nacional*. 2002. P. 305-321. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/chicocampos.html>. Acesso em: 12/03/2013.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. “entre povo e a nação” Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo. Ed. Ática.

CAPELATO, Maria Helena. *A propaganda política e o controle dos meios de comunicação*. In: Dulce Pandolfi (org.). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A literatura Como Espelho da Nação. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 1, n° 2, 1988, p. 243-248. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2162/1301. Acesso em: 18/09/2012.

Oliveira OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de. *O redescobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1982. P.81.

MALATIAN, Teresa. "*Cartas*" - *Narrador, registro e arquivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). São Paulo. Ed. Contexto, 2012.

SIRINELLI, Jean François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, Réne. Rio de Janeiro. 2.^a Ed. FGV, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, M.B. Helena; COSTA M. R. Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: ed. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difusão Editorial S. A. p.24-25, 1979.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do Amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: 2^oed. Editora Record, 1988.

_____. Carta de Carlos Drummond Andrade a Mário de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C. 1, 2012. P. 40-42.

BOMENY, Helena. *Um poeta na política- Mário de Andrade, paixão e compromisso*. In: Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

Alvarenga, Oneyda. *Mário de Andrade, Um Pouco*. Rio de Janeiro. Ed. Livraria José Olympio S. A. 1934.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. . [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 118, 2002. P.438.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 113, p. 424-8.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 122, p. 448.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge e LUCILIA, DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (ORG.) O tempo do Nacional-Estatismo: Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, Vol. 2.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 130, p. 460.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 132, p. 462.

“A juventude”, Correio da Manhã (Rio de Janeiro), 19.4.1944.

____. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 161, p. 545.

____. Carta Testamento Escrita Por Mário de Andrade Em 22-3-1944. P. 31-36. Alvarenga, Oneyda. *Mário de Andrade, Um Pouco*. Rio de Janeiro. Ed. Livraria José Olympio S. A. 1974.

JORNAL O GLOBO, 22 de Janeiro de 2012, Segundo Caderno, p. 2.

CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orfeu: A biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo 2^oed. Globo. 2012.

____. Carta de Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 50, p. 252-253.

____. Carta de Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 93, p. 368-470.

MENDONÇA, Sônia Regina. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 3^oed. Rio de Janeiro: Grall, 1986.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

____. Carta de Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade. [Prefácios e Notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago; Organização e Pesquisa Iconográfica de Leila Coelho Frota]. Rio de Janeiro, C, 119, p. 439-440.

HELENA, Bomeny. Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. In: BOMENY, Helena (Org.) *Constelação Capanema: Intelectuais e Políticas*. Rio de Janeiro: editora FGV 2001. P. 16.